

# PERSPETIVA

Fotografia. Arte. Natureza.

**PENSO, LOGO FOTOGRAFO**

Jorge Almeida

**A ÁRVORE DAS FOTOGRAFIAS**

Luís Afonso

**ENSAIO**

Jorge Verdasca

**ENTREVISTA**

Pedro Grão

ÂNGELO JESUS

LUÍS AFONSO

MÁRIO CUNHA

MIGUEL SERRA

NUNO LUÍS

RICARDO SALVO

RÚBEN NEVES

TIAGO MATEUS

Jan/Fev 2024

Número #013

# Editorial.



Há mais de quatro mil anos que se fazem resoluções de ano novo. Tudo terá começado na Mesopotâmia durante o Aquitu, um festival que marcava o início da Primavera e do novo ano. Os Romanos seguiram-lhes as pisadas e começavam igualmente cada ano com resoluções e promessas dirigidas aos deuses. Em pleno séc. XXI estima-se que metade dos Norte Americanos façam resoluções de novo ano. No entanto, um quarto deles esquece tudo o que prometeu logo na segunda semana de Janeiro. Aqui em Portugal não deverá ser muito diferente...

Na .Perspetiva também se fazem resoluções para 2024. O Miguel, por exemplo, compromete-se a fotografar o Covão da Ametade, na sua Manteigas natal, durante todo o ano que agora começa. Há igualmente mudanças em quem escreve nas secções habituais e esperam-se outras alterações nos números que se seguem. Mas há resoluções que terminam, como a do Tiago Mateus que esteve 365 dias sem publicar uma fotografia a cores, esforço que lhe valeu, no final do ano passado, vários prémios a nível nacional e internacional. E há outras resoluções que se mantêm, como a vossa falta de participação na secção 4:3.

Eu gosto de resoluções de ano novo e normalmente sou daqueles que as cumpre. Para não falhar, normalmente faço apenas uma ou duas resoluções, definindo o conceito do ano. Foi assim que a .Perspetiva nasceu, numa vontade de chegar a vós de uma maneira diferente. Para 2024 tenho duas intenções principais: imprimir (ainda) mais e dar corpo ao projeto que trago comigo há alguns meses.

Para que se cumpram, é preciso traçar um plano, definir tarefas simples e ir percebendo se o que se prometeu a nós próprios está ou não a ser cumprido. Ajuda ter auxiliares de memória, como por exemplo uma tarefa recorrente no nosso calendário que nos ajude a lembrar. Tenho um evento recorrente com periodicidade quinzenal que me recorda que tenho de “Imprimir”. No que diz respeito ao projeto, estou neste momento em fase de estudo, a ler um livro sobre o assunto. Depois de terminado, terei uma ideia abrangente do que posso fotografar e posso tornar esse tema no meu tema.

Mas o mais importante é acreditarmos em nós. Como dizia Henry Ford: “Quer penses que podes, quer penses que não podes, estás certo!”.

**Luís Afonso**

Esta revista é editada por  
**Luís Afonso.**

A reprodução total ou parcial, em qualquer meio, é estritamente proibida.

Os direitos de autor do conteúdo aqui apresentado permanecem com os seus proprietários, sendo o mesmo publicado com a necessária permissão.

Colaboraram nesta edição:  
**Ângelo Jesus, Jorge Almeida, Jorge Verdasca, Luís Afonso, Mário Cunha, Miguel Serra, Nuno Luís, Pedro Grão, Pedro Pais, Ricardo Salvo, Rúben Neves e Tiago Mateus.**

Revisão:  
**Ricardo Salvo e Rúben Neves**

[www.revistaperspetiva.pt](http://www.revistaperspetiva.pt)  
© 2024



© **Pedro Pais**, 2023. A fotografia, não sendo uma arte tridimensional, define-se, muitas vezes, pelas texturas que induz. A sua plasticidade transforma um meio predominantemente bidimensional numa paleta de elementos aptos de serem tocados. A impressão, é claro, exagera todo este sentimento. Esta imagem é, sem dúvida, uma candidata natural à impressão, com a sua camada de veludo azul sobre um natureza caótica que prima pela sua beleza simples. Contrassensos apaixonantes!

# Índice.

## 01

p. 5-29

ENTREVISTA  
Pedro Grão

Conheça as motivações do fotógrafo Pedro Grão para a fotografia aérea. Quando os interesses pelo aeromodelismo e pela fotografia convergem, a adoção do drone como câmera torna-se natural. Tudo isto explicado numa conversa em entrevista ao Luís Afonso.

## 02

p. 30-31

PONTO DE VISTA *por Jorge Almeida*  
Penso, logo fotografo

O que distingue o ato de fazer fotografia do de tirar fotografias? Uma reflexão de Jorge Almeida, que no “Ponto de Vista” desta edição esmiúça a intenção racional do fotógrafo enquanto criador de uma obra de arte e sobre o público ao qual se destina.

## 03

p. 32-36

CONVERGÊNCIAS *por Nuno Luís*  
Dualidades da criação artística

O Nuno Luís leva-nos numa viagem à raiz do interesse pela expressão visual. A urgência do Nuno em se expressar através da imagem acompanha-o desde cedo, mas a fronteira entre a pintura e a fotografia sempre lhe pareceu ténue. Uma dualidade explicada pelo próprio.

## 04

p. 37-41

GRANDE ANGULAR *por Ricardo Salvo*  
A meia idade da fotografia

Oferecer uma fotografia impressa vai muito para além do simples ato de presentear. Ricardo Salvo explica-nos nesta edição como a materialização de algo que se fotografou e a escolha de alguém para ter uma impressão sua mexe com as suas emoções.

## 05

p. 42-55

ENSAIO  
Jorge Verdasca

O fotógrafo Jorge Verdasca, que vê nos bosques de Sintra o seu principal refúgio emocional, descreve-nos no Ensaio desta edição a sua relação de “diálogo” com as árvores no processo de criação da sua arte visual. E convida-nos a ouvir as vozes da floresta.

## 06

p. 56-58

POR DETRÁS DA IMAGEM *por Ângelo Jesus*  
*Intricity*

O fotógrafo Ângelo Jesus mostra-nos o que está “Por Detrás da Imagem” de um momento específico que despertou as suas emoções no bosque na Serra do Gerês. O Ângelo fala-nos de todo o processo para compreendermos com maior amplitude a sua fotografia.

## 07

p. 59-69

COVÃO DA AMETADE: AS QUATRO  
ESTAÇÕES *por Miguel Serra*  
Outono prolongado

Miguel Serra traz-nos um compromisso que se inicia nesta edição. O fotógrafo, que reside na Serra da Estrela, propõe-nos mostrar todas as facetas do Covão da Ametade, perto de sua casa, com o evoluir das estações do ano.

## 08

p. 70-80

A VIAGEM MONOCROMÁTICA *por Tiago Mateus*  
Os vermelhos ardentes do pecado colorido

O Tiago Mateus termina agora a sua “Viagem Monocromática”, depois de um ano a fotografar exclusivamente a preto branco. Ao despedir-se do projeto, o Tiago partilha connosco o impacto deste compromisso no seu crescimento enquanto fotógrafo.

## 09

p. 81-87

SAÍDA DE CAMPO *por Mário Cunha*  
Um Outono sem folhas por  
Pitões das Júnias

O Gerês repete-se nestas páginas pela lente de Mário Cunha. Uma incursão a Pitões da Júnias permitiu ao Mário uma incursão única pela natureza, uma “Saída de Campo” em que a evolução da luz ao longo do tempo abriu a porta a fotografias únicas.

## 10

p. 88-92

TÉCNICA  
A árvore das fotografias (Parte I)

A forma como arquivamos as fotografias digitais depois de uma saída com a câmara é crucial para a organização de portfólio de qualquer fotógrafo. No artigo técnico desta edição o Luís Afonso expõe-nos a melhor forma de ter um catálogo arrumado e sem confusões.

## 11

p. 93-95

DA MINHA ESTANTE *por Rúben Neves*  
“*Concepts of Nature*”, Andy Rouse

O Rúben Neves traz-nos desta vez da sua estante a obra de Andy Rouse. O autor que o Rúben nos propõe reúne na obra “*Concepts of Nature*” um extenso trabalho dedicado à vida selvagem e à natureza que se torna essencial para apreciação de qualquer fotógrafo.

## 12

p. 96

AGENDA  
Workshops, Passeios, Exposições, Festivais

Tome nota dos eventos que vão ter lugar nos próximos dois meses e onde poderá participar, aprender, fotografar e dar largas à sua criatividade.

# Pedro Grão.

## Entrevista.

# Pedro Grão.

Apaixonado pelo aeromodelismo desde a sua juventude, foi a paixão pelo voo que o levou à fotografia aérea. Atualmente pilota uma câmara que lhe permite expressar aquilo que sente quando admira a paisagem. Descubra o que é preciso para se aventurar neste tipo de fotografia tão especial e o que é preciso para se tornar um fotógrafo dos ares como o Pedro Grão.

Entrevista por **Luís Afonso**. Fotografias de **Pedro Grão**.

**Queres começar por nos contar um pouco sobre ti? Quais eram os interesses do Pedro enquanto adolescente?**

A minha infância e juventude foram passadas entre Tomar e Lisboa. Além dos desportos coletivos que praticava muito regularmente, desenvolvi uma paixão pelo aeromodelismo. Iniciei-me nesse passatempo em 1975 quando comprei o meu primeiro modelo de voo circular. O facto de possuírem um motor de combustão e de poder controlar o seu voo, mesmo que ligado por uns fios, fascinava-me.

**E a fotografia, como é que entrou na tua vida?**

A verdade é que a fotografia sempre esteve ligada à minha vida, uma vez que o meu avô paterno tinha um estúdio de fotografia no Seixal. Fui

fotografado várias vezes nesse estúdio. No entanto, nunca surgiu a curiosidade para tentar fazer algo por mim próprio. Era muito novo...

Em casa, sempre existiram máquinas fotográficas e câmaras de filmar. O meu pai gostava de as utilizar para os registos de viagens em família. Ainda me recordo dos serões familiares de projeção de diapositivos após cada viagem que fazíamos.

Em 1990 tive o primeiro contacto com a fotografia (analógica), em contexto escolar. Nessa altura pude fotografar em estúdio e revelar os meus próprios trabalhos na câmara escura. No ano 2000, com o aparecimento das câmaras compactas digitais, comprei uma Sony P5 que comecei a usar para registar as minhas próprias viagens. Os 3,2 megapíxeis rapidamente se tornaram insuficientes e eis que veio uma Canon

EOS 350D que já me permitia obter outros resultados. A fotografia de família e de viagem continuavam a ser o principal foco, sempre em modo automático. Em 2015, com vontade de aprender um pouco mais sobre fotografia de paisagem e utilização de filtros de densidade neutra (ND), inscrevi-me numa oficina de fotografia de paisagem. Foi a partir desse momento que comecei a olhar a Fotografia de uma forma diferente. Até então, usava a câmara sempre no modo automático e sem grande preocupação na composição. Foi a partir dessa oficina que descobri este passatempo fantástico - a fotografia de paisagem - que me fazia levantar de madrugada, aos fins de semana, para conseguir o melhor registo do nascer do sol. Nesse mesmo evento tive a felicidade de conhecer dois amigos que me acompanham até hoje nas saídas e aventuras fotográficas.

Atualmente continuo a fotografar com o mesmo entusiasmo. O grupo de amigos da fotografia aumentou, fazendo parte de um grupo de WhatsApp em que se combinam saídas fotográficas, aliando o gosto pela fotografia à amizade que a mesma nos proporciona.

### Como é que a tua fotografia evoluiu ao longo do tempo?

Inicialmente, como já referi, o foco da minha fotografia era a família. Procurava registar os momentos passados em férias e viagens, bem como o crescimento dos meus filhos. A partir de 2015, comecei a explorar as minhas horas favoritas de luz para fotografar. Descobri o nascer e o pôr do sol, a famosa hora dourada. Neste período experimentei também fotografia de retrato em eventos organizados, procurando melhorar a minha técnica, uma vez que o retrato era um dos temas fotográficos que me interessava. Com o gosto pela fotografia de paisagem, principalmente a que envolvesse o mar, dediquei mais tempo a praticar técnicas cada vez mais apuradas com o uso de filtros ND e os resultados foram surgindo, tendo contribuído para aumentar a minha motivação. No campo do pós-processamento houve uma evolução natural com as ferramentas que tinha disponíveis, como o Adobe Photoshop Lightroom®.

### E a paixão pela fotografia aérea?

O interesse pela fotografia aérea veio do heli-modelismo rádio-controlado. Por volta do ano 2000 já sonhava com os fantásticos planos que poderiam ser captados lá do alto com uma câmara em pleno voo. Não havendo na altura material a preços acessíveis que pudesse utilizar, improvisava com micro-câmeras fixas com

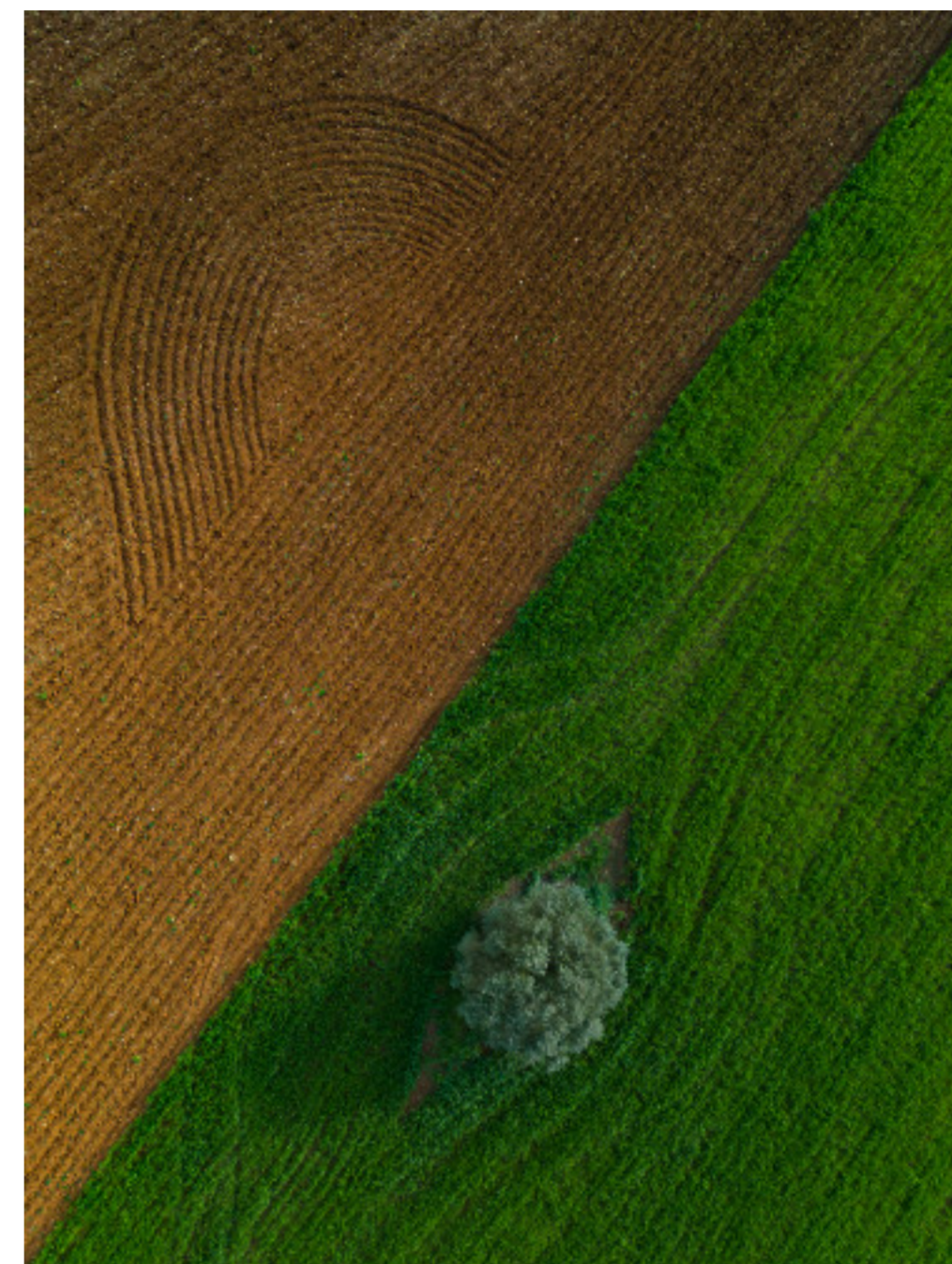
elásticos aos patins do helicóptero cujas imagens tremidas e sem qualidade me deliciavam. Com a entrada no mercado dos drones de consumo a preços mais acessíveis e com especificações e qualidade fotográfica e de vídeo aceitáveis, em 2019 decidi iniciar-me na aventura da fotografia aérea com um DJI Mavic Mini, ficando logo rendido aos resultados obtidos.

### Quais pensas serem os maiores desafios da fotografia aérea?

A fotografia aérea tem a componente de voo associada que requer alguma destreza na pilotagem do drone. Atualmente, apesar de os drones terem estabilização de voo, o que lhes permite permanecerem em estacionário sem grande trabalho do piloto, as condições meteorológicas, como o vento, principalmente nos drones mais pequenos da classe C0, ou o local onde voamos, como a cidade com os seus obstáculos habituais, podem ser um motivo adicional de preocupação para o fotógrafo. Mas o meu maior desafio é, sem dúvida, conseguir uma boa composição que surpreenda pela sua novidade, usando um ponto de vista que não está ao alcance de todos.

### O que é que um piloto de drone nunca deve fazer?

São muitos os fatores a ter em conta e que não devem ser descurados. Os principais são o de não exceder os limites de altitude em voo autorizados pela AAN (Autoridade Aeronáutica Nacional) - máximo 120 metros AGL [nível acima do chão] -, não voar em condições atmosféricas adversas (vento ou chuva), não voar sobre aglomerados de pessoas, não perturbar os habitats de vida animal, principalmente em alturas de



Ervidel, Alentejo, 2023

Pág. seguinte:  
Terceira, Açores, 2022



nidificação, nem violar a privacidade de cada um.

### **E o que deve fazer sempre?**

Pedir as autorizações necessárias às autoridades competentes para o voo planeado, voar em VLOS (em linha de vista com o drone), fazer reconhecimento prévio do local, principalmente em voo noturno, fazer uma verificação prévia do drone (estado das baterias e do comando,

calibrações) a definição da altura pré-definida do RTH (regresso a casa), voar sempre que possível o mais afastado de pessoas ou vida selvagem, tendo em consideração a classe do drone (C0, C1 ou C2) e, uma vez mais, respeitar sempre a privacidade de cada um.

### **Quais as competências para voar um drone?**

Para operar um drone, mesmo os Sub 250g, tipo Mini da DJI, para além de se ter de obser-

var a idade mínima de 16 anos, é preciso realizar uma formação EASA para obtenção da certificação mínima na Classe Aberta A1/A3.

Se for o proprietário do drone vai ter ainda de se registar como operador na ANAC (Autoridade Nacional de Aviação Civil) e como entidade e piloto na AAN, de modo a poder fazer os pedidos de voo para a captação de imagens. Estas autorizações podem ter, consoante os locais de voo, uma validade máxima de 60 dias ou de apenas 2 dias, caso seja em zonas sensíveis como Lisboa.

Apesar de já existir uma associação nacional de drones, a "APDRONE", existe muita falta de informação por parte das lojas que não informam os hipotéticos interessados das obrigações legais, evitando assim dissabores futuros.

### **Quando a fotografia com drone apareceu, tornou-se rapidamente uma moda. Como achas que está neste momento?**

As restrições ao uso de drones são cada vez maiores para que se possa voar legalmente. Os pedidos de autorização para captação de imagens aéreas por parte da AAN (Autoridade Aeronáutica Nacional) são obrigatórios e têm de ser efetuados com uma antecedência mínima de dez dias. Além das autorizações AAN, as certificações do operador (formação), registo na ANAC, entre outros, são uma obrigação legal. Apesar de haver cada vez mais drones no ar, penso que existem poucos fotógrafos que encararam a fotografia aérea de uma forma mais séria, aproveitando todas as potencialidades que um equipamento destes permite. A falta de conhecimentos técnicos básicos de fotografia, desde o planeamento, captação e edição, bem como as



obrigações legais, faz com que muitos fotógrafos desistam rapidamente da fotografia aérea por falta de resultados ou por terem efetuado a compra do drone por impulso.

**Há quem diga que nos concursos devia haver uma categoria específica para fotografia com drone em contraponto com a paisagem “clássica”. Qual a tua opinião sobre isso?**

Sim, sou da opinião que a fotografia aérea com drone tem uma especificidade muito própria que deveria ser tratada numa categoria específica. Existem composições únicas que só são possíveis de obter com recurso a um drone, bastando este motivo para, em concurso, não estar em pé de igualdade com a fotografia captada a partir do terreno.

**E como nasce uma fotografia do Pedro Grão?**

O meu processo criativo na fotografia aérea com drone é em tudo muito parecida com o usado na fotografia apeado com câmara. Existe inicialmente um planeamento em que utilizo ferramentas como o Google Maps®, Photopills®, aplicações de meteorologia e outras que me permitam estudar as características do terreno e o posicionamento do sol face ao assunto a fotografar. O reconhecimento prévio do local, de dia, é sempre um requisito que procuro não descurar para evitar surpresas indesejáveis. Tal como faço na fotografia de paisagem no terreno, com o drone posiciono-me a diversas altitudes e posições de forma a alcançar a composição que mais me satisfaz. Mas é ao chegar a casa, após descarregar cartão de memória, que consigo avaliar no ecrã do computador se as minhas decisões no campo relativamente às composições escolhidas foram ou não as melhores.

É sempre um ponto de partida para quando voltar ao mesmo local tentar aprimorar a composição que mais me agradou.

**E nesse processo, já perdeste algum drone?**

Felizmente não! Os equipamentos das marcas consagradas de drones de consumo, como a DJI ou a AUTEL, mesmo os Sub 250g, são muito fiáveis. Desde que bem utilizados e configurados, mesmo em caso de perda de sinal, voltam sempre ao ponto de origem. A utilização que dou ao drone é maioritariamente para fotografia, pelo que o meu voo é do Ponto A para o Ponto B para fazer o registo. Por este motivo, consigo controlar melhor todo o voo e a permanência do drone no ar. Em vídeo, com os movimentos de rotação laterais, é mais fácil acontecer um acidente, apesar de a maioria dos drones atuais já possuírem sensores de obstáculos a 360 graus. Nos fóruns é habitual lermos muitas publicações relatando “flyaways” [voo do drone para destino indesejado] ou outros acidentes, mas a minha percepção é que mais de 95% desses incidentes são resultantes da inexperiência dos pilotos.

**A sensação de lugar é importante para ti?**

Procuo transmitir nas minhas fotografias muito mais do que o registo do lugar. O principal é conseguir passar as sensações de luz e do ambiente que estou a viver no momento que por ser único e irrepetível tem um valor especial.

**Que tipo de pós-processamento realizas sobre as imagens aéreas? Será semelhante ao teu fluxo de paisagem no terreno?**

É em tudo muito idêntico. A única exceção é na

fotografia em meio urbano em que por vezes, dependendo do motivo e dos ângulos utilizados na captação, é necessário efetuar correções de perspetiva. Como o meu drone é um MINI3 Pro, um Sub 250g da classe C0 com uma câmara com abertura (fixa) generosa de f/1.7, o sensor é de pequenas dimensões (1/1.3" CMOS 12MP), exigindo maiores cuidados no pós-processamento dos ficheiros RAW gerados. Após importação para o Adobe Photoshop Lightroom®, antes dos ajustes propriamente ditos, processo os ficheiros no DXO PURE RAW®, que permite melhorar bastante o alcance dinâmico das fotografias no que diz respeito ao ruído e recuperação de sombras. A partir daí é um processamento “normal” em Lightroom, utilizando os ajustes disponíveis de controlo da exposição e cor. Se necessário, recorro ao Adobe Photoshop® para alguma correção de perspetiva (distorção) ou para a “limpeza” de algum elemento indesejado.

**Que parte do fluxo de trabalho é a tua favorita?**

Sem dúvida, o momento em campo, o da captação. O nascer do sol é a minha hora de eleição e a curiosidade dessa primeira luz do dia, se “pinta” ou não, aliado à paz e calma que o momento transmite, traz-me boas sensações.

**E o que fazes nas restantes horas ou quando “não há” nascer ou pôr do sol?**

A hora dourada, principalmente a do nascer do sol, é a minha altura do dia predileta, conforme já referi, mas quando não há nuvens e a vontade de fotografar é maior que a preguiça de ficar a dormir, procuro o tipo de fotografia “Top/Down”, fotografia em que céu não tem relevân-

cia. Neste verão, com a sua habitual falta de nuvens, experimentei fazer uns mapeamentos, alguns deles com mais de 200 fotografias. É uma boa técnica fotográfica para conseguir contornar o limite máximo de altitude, além de se conseguir maior detalhe das fotografias panorâmicas. Tanto o voo como a captação das dezenas de fotografias são efectuados de forma autónoma, tudo pré-configurado em casa. A junção da panorâmica é efectuada com recurso a software específico de fotogrametria e o ficheiro tiff gerado é importado e processado posteriormente em Lightroom.

### **Uma pergunta simples: o que procuras numa boa fotografia?**

Na fotografia aérea de paisagem procuro explorar composições construídas através da procura das linhas, formas e texturas que o mundo visto do céu nos proporciona. A cor resultante da hora dourada, amplificada por um céu com nuvens, é para mim um requisito essencial. A originalidade da composição é também algo que privilegio muito, principalmente em meio urbano.

### **E a relação entre o homem e a paisagem está também muito presente no teu trabalho...**

Há fotógrafos para quem a fotografia de paisagem ideal é desprovida de intervenção humana. Eu não sou assim tão restritivo com a escolha dos meus temas. Procuro variar e quando tal não é possível, não me incomoda de todo voltar dezenas de vezes ao mesmo local. A Ponte Vasco da Gama é o tema que talvez já tenha fotografado mais e não tenho duas fotografias iguais. O céu, as nuvens e a maré vão ser certamente diferentes e únicas em cada uma das saí-

das, possibilitando criar algo diferente.

### **Achas portanto que há sempre lugar para mais uma perspetiva?**

O meu principal objetivo na fotografia, como passatempo de fim de semana, é passar um bom momento na companhia dos meus amigos. Conseguir algo único, de lugares tantas vezes fotografados, é um desafio que tento superar a cada saída fotográfica. Daí a procura pela luz ideal ou pela inovação numa composição fora do habitual que a fotografia aérea nos proporciona, na tentativa de conseguir algo diferente do que estamos habituados a ver no dia a dia.

### **Se tivesses de escolher entre apenas fazer fotografia aérea ou no terreno, qual seria?**

Neste momento escolheria a fotografia aérea, talvez por proporcionar maior liberdade criativa em composições não tão habituais de muitos locais já tão sobejamente fotografados e também pela componente da operação com o drone que é algo que me dá um gozo especial.

### **Se nos encontrássemos para tomar um copo, sobre o que falávamos (para lá da fotografia aérea)?**

Talvez tivesse curiosidade em saber mais sobre o teu percurso na fotografia. Isto porque, apesar de a minha formação ser ligada às artes, a minha atividade profissional sempre foi ligada aos Sistemas de Gestão, nomeadamente no que diz respeito à qualidade, ambiente e segurança nas empresas. Tenho o objectivo de, um dia, quando me reformar, dedicar-me 100% à Fotografia.

Hotel Myriad, Lisboa, 2021



# Pedro Grão.

## Portefólio.



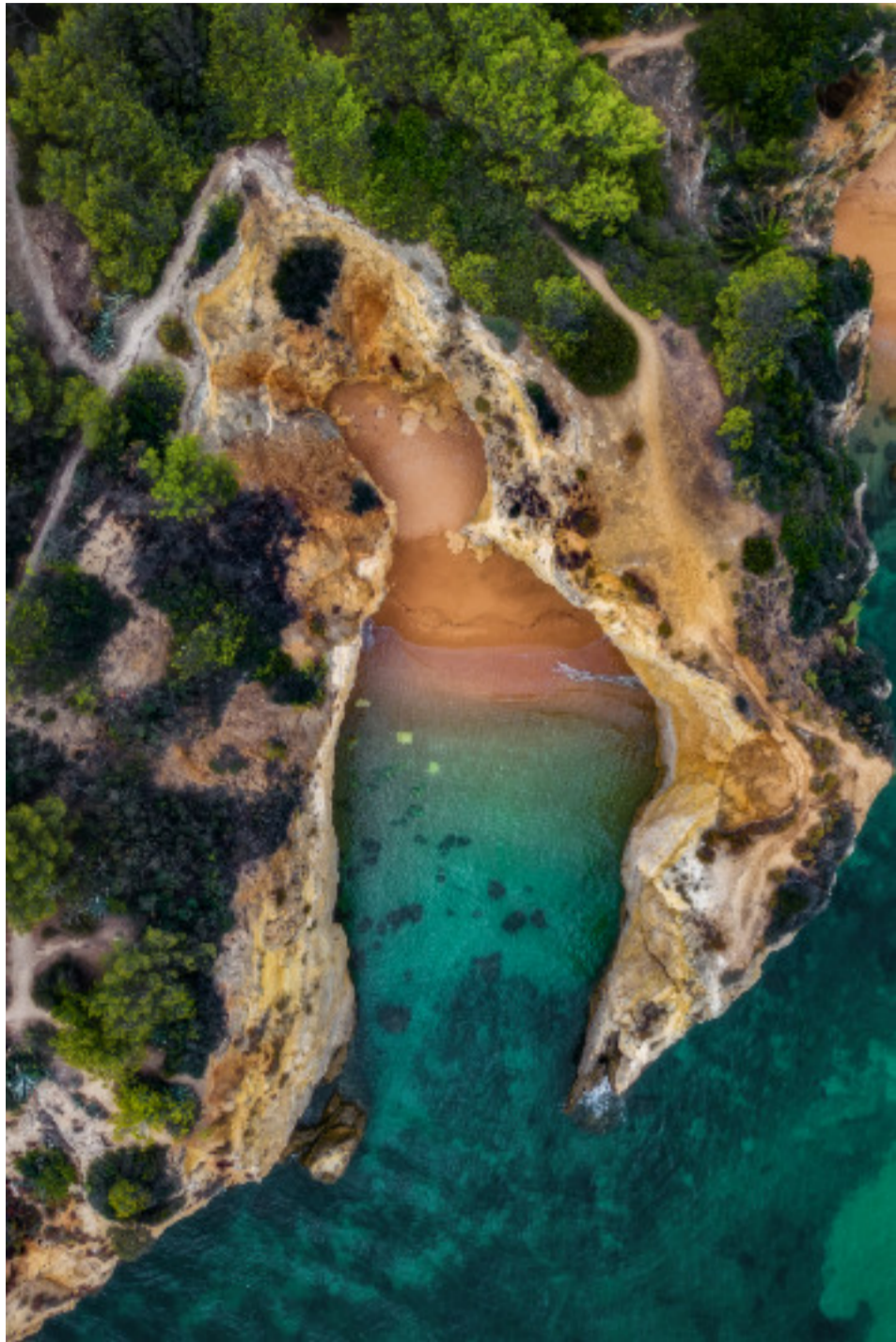
Terceira, Açores, 2022



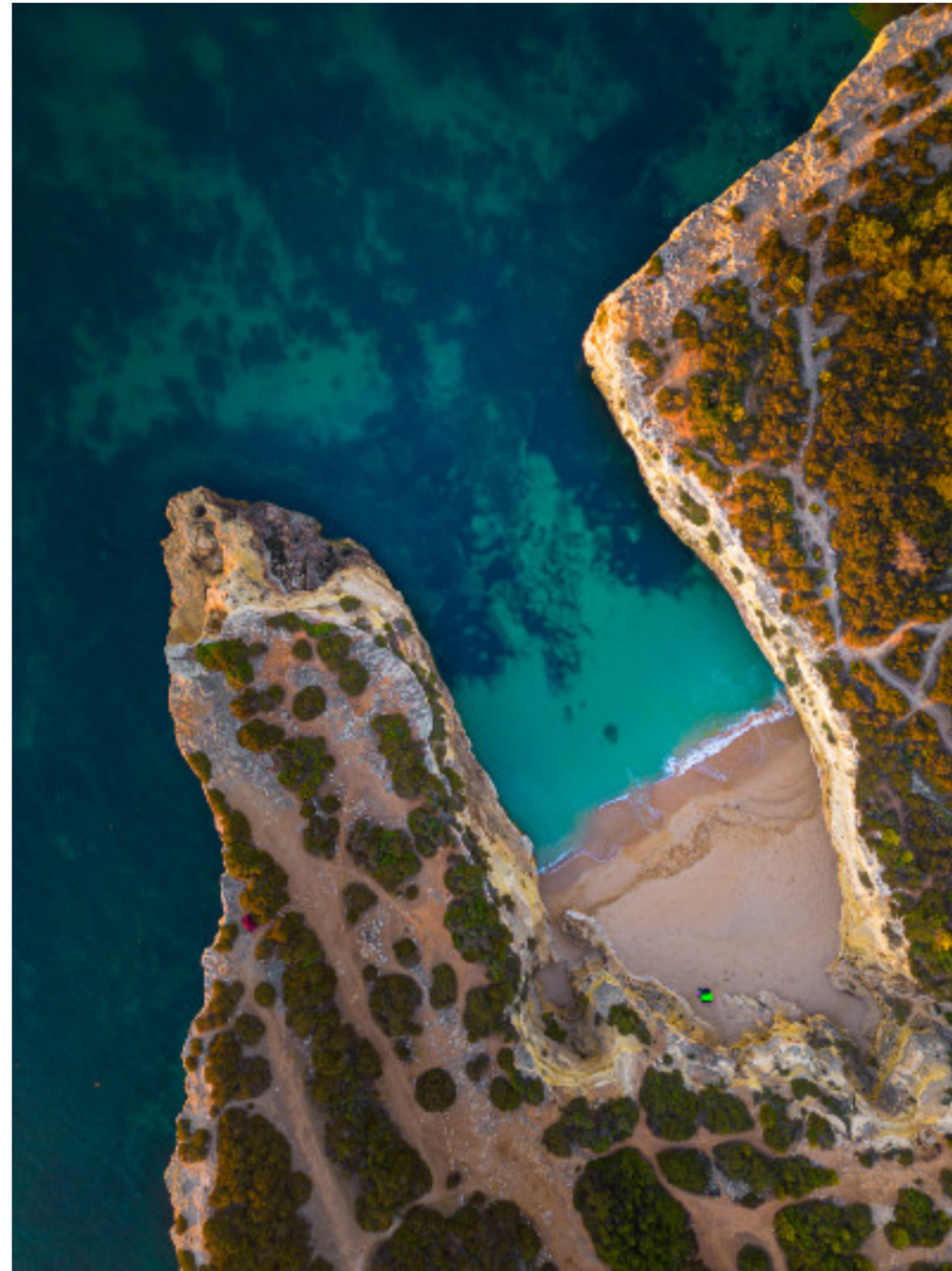
Abano, Parque Natural Sintra-Cascais, 2022



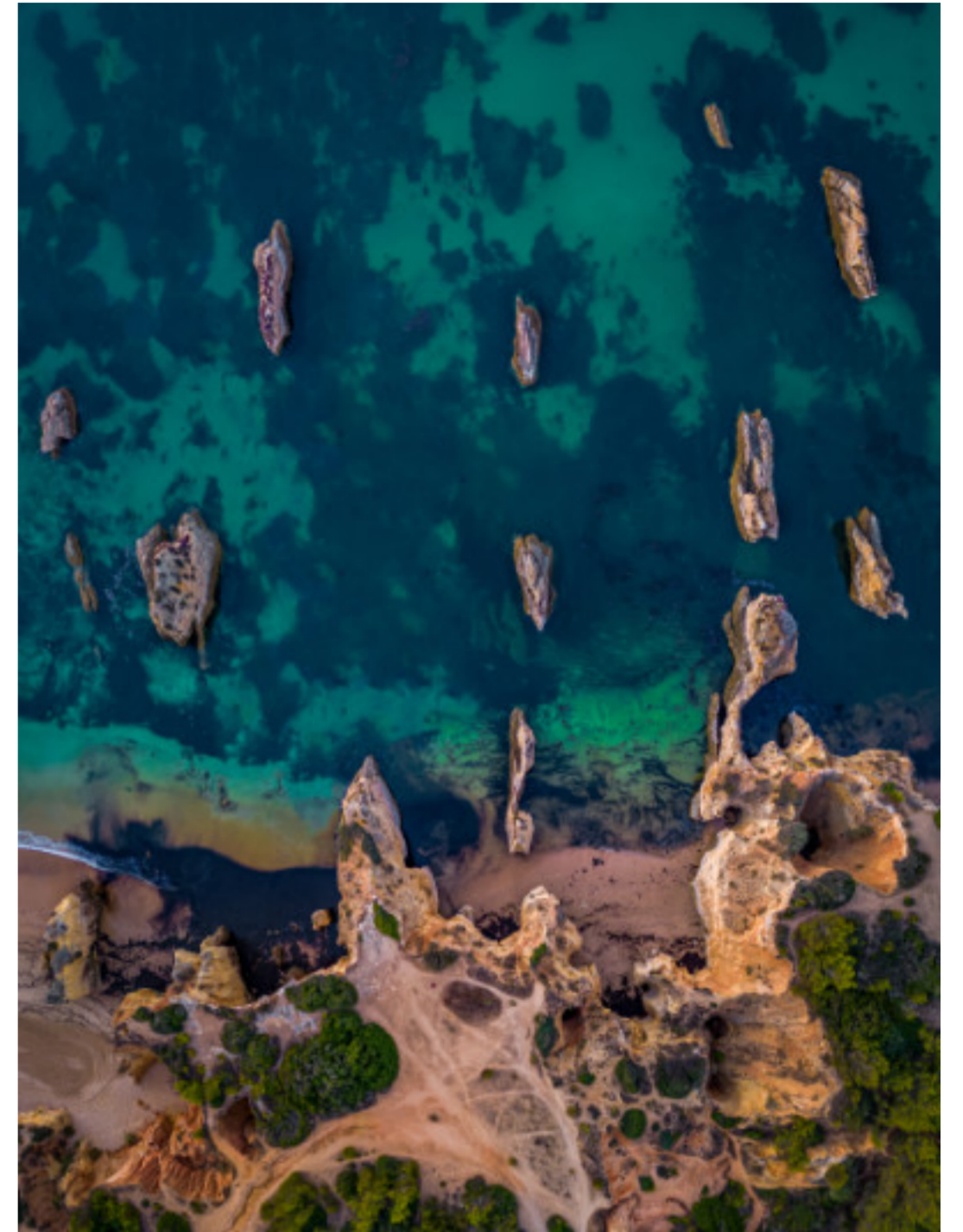
Praia da Almagreira, Peniche, 2023



Praia dos Tremoços (Oeste), Porches, 2022



Praia das Fontainhas, Porches, 2022



Praia de Boião, Alvor, 2022

Pág. seguinte:  
Ponta da Piedade, Lagos, 2021







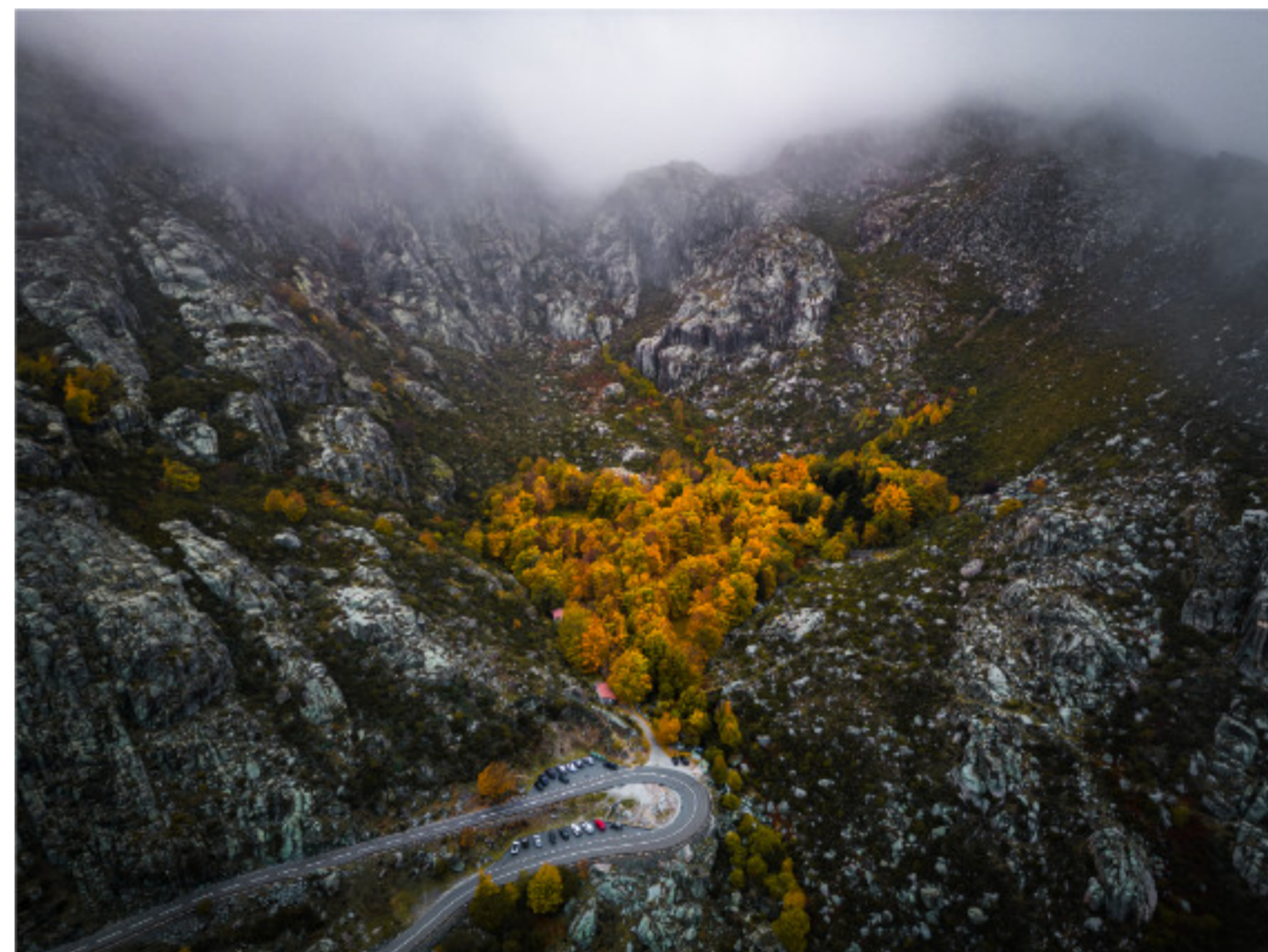
Praia Grande, Sintra, 2022



Praia do Camilo, Lagos, 2022



Cascata de Mourão, Anços, 2022



Covão da Ametade, Manteigas, 2022

Pág. seguinte:  
Ponta da Piedade, Lagos, 2023





MAAT, Belém, Lisboa, 2021



Panteão Nacional, Lisboa, 2023



Forte de São Filipe, Setúbal, 2023



Castelo de Palmela, Palmela, 2023

Pág. seguinte:  
Palácio de Monserrate, Sintra, 2022







Cabo da Roca, Sintra, 2023



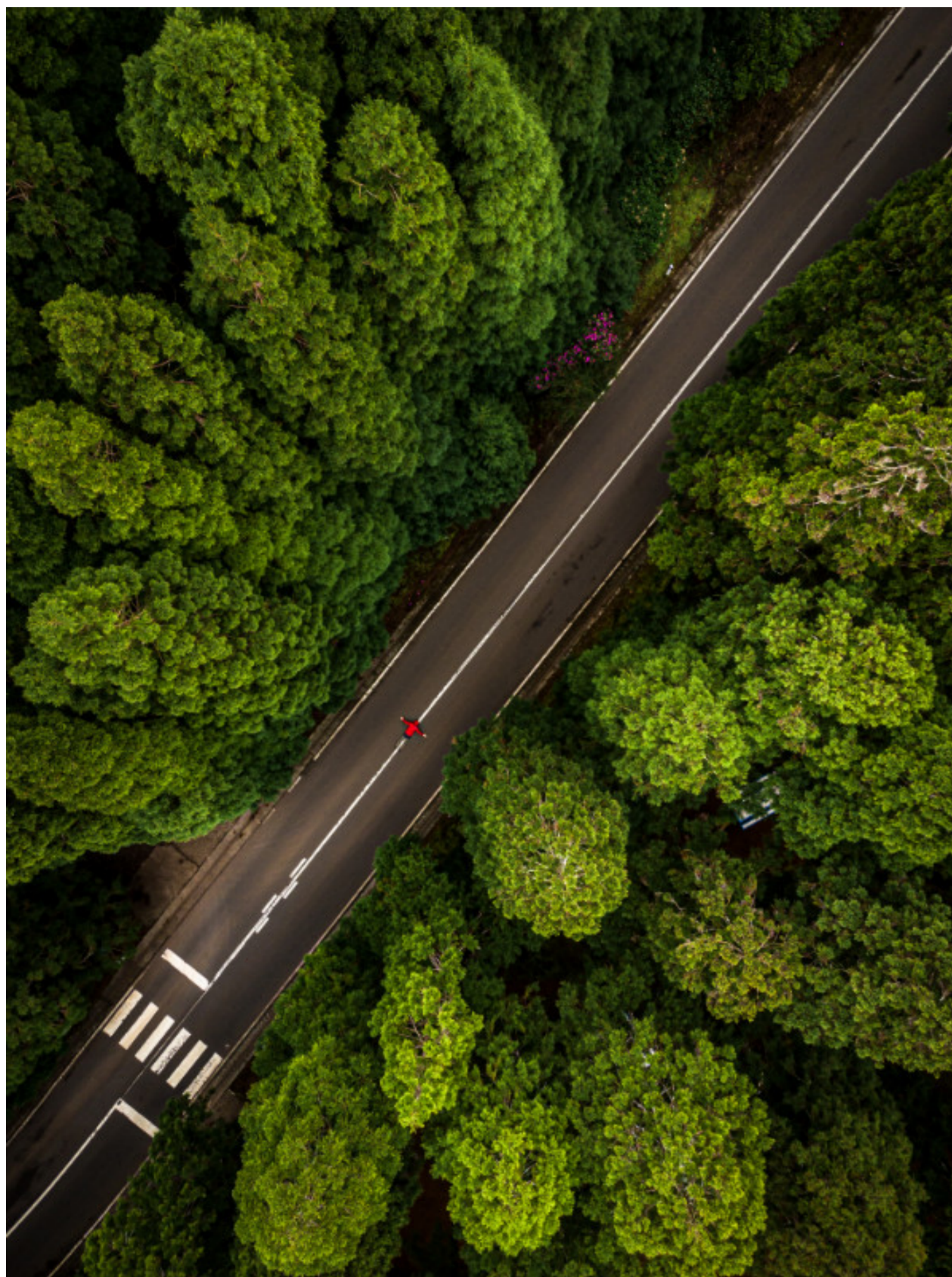
Cabo da Roca, Sintra, 2023



Ponte Vasco da Gama, Lisboa, 2023



Castelo de Almourol, V. N. Barquinha, 2023



### **História por detrás da imagem:**

*Criptomérias. Terceira, Açores, 2022*

Esta imagem surgiu durante uma viagem fotográfica à Ilha Terceira. A caminho da Lagoa das Patas deparei-me com um bosque de criptomérias que ladeava simetricamente a estrada, algo que me captou de imediato a atenção. Aproveitando a beleza destas árvores altas de forma esguia, cujas copas fazem lembrar uma pirâmide, decidi descolar o drone para observar como seria a vista lá do alto. Estava um pouco receoso com o vento que se fazia sentir no momento, mas decidi tentar a minha sorte. Como não havia avisos de vento forte durante o voo fiquei mais descansado. Foi então que optei por esta composição em que a faixa de alcatrão rompe na diagonal o verde vívido dos ramos de tão belas árvores.

Mas faltava-me algo na composição que desse escala e acentuasse a simetria da imagem. Foi então que pedi um favor ao meu companheiro de viagem: que se deitasse no meio da faixa de rodagem com os braços e pernas abertos, algo que ele prontamente aceitou fazer. Escolhi o melhor local para posicionar o drone, fiz sinal para ele se deitar na estrada e fiz apressadamente dois ou três disparos, antes que algum carro aparecesse e algo corresse mal. Felizmente não houve acidentes e o resultado final foi do meu agrado.



### História por detrás da imagem:

Palácio da Pena, Sintra, 2022

O Palácio da Pena é um local que já tive a oportunidade de fotografar várias vezes. No entanto, sempre achei que as minhas fotografias com câmara a partir do solo não conseguiam transmitir o lado místico que tão belo palácio deveria emanar. Faltava algo e este algo era fundamental para realçar a magia e o romantismo do local onde se implanta um palácio que parece saído de um conto de fadas, cujas cores contrastam com o verde intenso da serra. Foi então que surgiu a ideia de fotografar de drone o palácio envolto no nevoeiro, ao nascer do sol.

Foram várias as tentativas e madrugadas que “perdi”, sem nunca ter conseguido fazer o planeado. Avaliava as previsões de véspera, em várias aplicações de meteorologia, mas ao chegar à Serra de Sintra, ou estava demasiado nevoeiro, ou estava demasiado vento. Ou então não havia nevoeiro. Após várias tentativas, já sabia perfeitamente qual o ângulo que melhor resultava, mas continuava a faltar o elemento que tanto ansiava, o nevoeiro. Por fim, numa dessas últimas saídas, em que cheguei com nevoeiro cerrado, decidi esperar duas horas ao frio e humidade e eis que de repente o nevoeiro começou a dissipar-se. Lentamente, surgiu à minha frente tão belo palácio, agora sim envolto no nevoeiro tão ansiado. Descolei apressadamente o drone e captei as belas imagens que tal cenário oferecia.

Apesar de ser do meu agrado, esta ainda não é a fotografia do Palácio de Sintra que sonhei um dia realizar, pelo que continuarei a tentar na esperança que o meu dia chegue.

**História por detrás da imagem:**

*Fojo dos Morcegos. Praia da Adraga, 2022*

O Miradouro da Praia do Caneiro, na Praia Adraga, em pleno Parque Natural Sintra-Cascais, é um daqueles locais que gosto de fotografar com câmara na mão, por conseguir juntar num único local a imensidão do oceano com a beleza das arribas que caracterizam toda esta costa oceânica. No trajeto a pé que se percorre desde a Praia da Adraga até ao Miradouro passamos perto do Fojo dos Morcegos. Cada vez que lá passo tenho a curiosidade de espreitar para o fundo do buraco. Trata-se de um algar enorme, com cerca de 80 metros de profundidade, em que bem lá no fundo se consegue ver e ouvir o bater do mar, o que faz dele um lugar assustador, mas magnífico. A gruta do Fojo é o resultado da acção erosiva da água das chuvas que se escoam através das fraturas existentes nas rochas calcárias. Conjugada com a acção erosiva das ondas, originaram um labirinto de grutas, cavernas e enormes fendas.

Foi esta curiosidade que me levou a querer fazer esta imagem de drone para perceber, de outro ponto de vista, como seria esta formação geológica, resultando a meu ver numa bonita e fantástica imagem.

# Penso, logo fotografo.

Texto e fotografias por **Jorge Almeida**.

Que me perdoem os fotógrafos leitores da Perspetiva, a escrita que a seguir me disponho a fazer não é para vós, escrevo para os não fotógrafos, para aqueles que... que... que não são fotógrafos? Será que há alguém que não fotografa? Se todos tiramos fotografias, vou escrever para ninguém! Será que somos todos fotógrafos? Ou temos de dividir o mundo entre os poucos que fazem fotografia e os muitos, quase todos, que tiram fotografias? O que distingue uns dos outros, se é que há distinção?

Nada é menos aliciante ao começar a expor uma ideia do que afastar desde logo a forte massa crítica que a pode apreciar e depois não vislumbrar público que a possa acolher. Não tendo qualquer pretensão em falar para os peixes, tenho a forte convicção de que alguém me irá ouvir, pois tendo dúvidas sobre quase tudo, tenho muito poucas sobre as perguntas que fiz.

Somos o reflexo da nossa história, quer como sociedade, quer como indivíduos e a fotografia também o é. Para lá de todos os fotógrafos e de todas as tendências que nos acompanharam

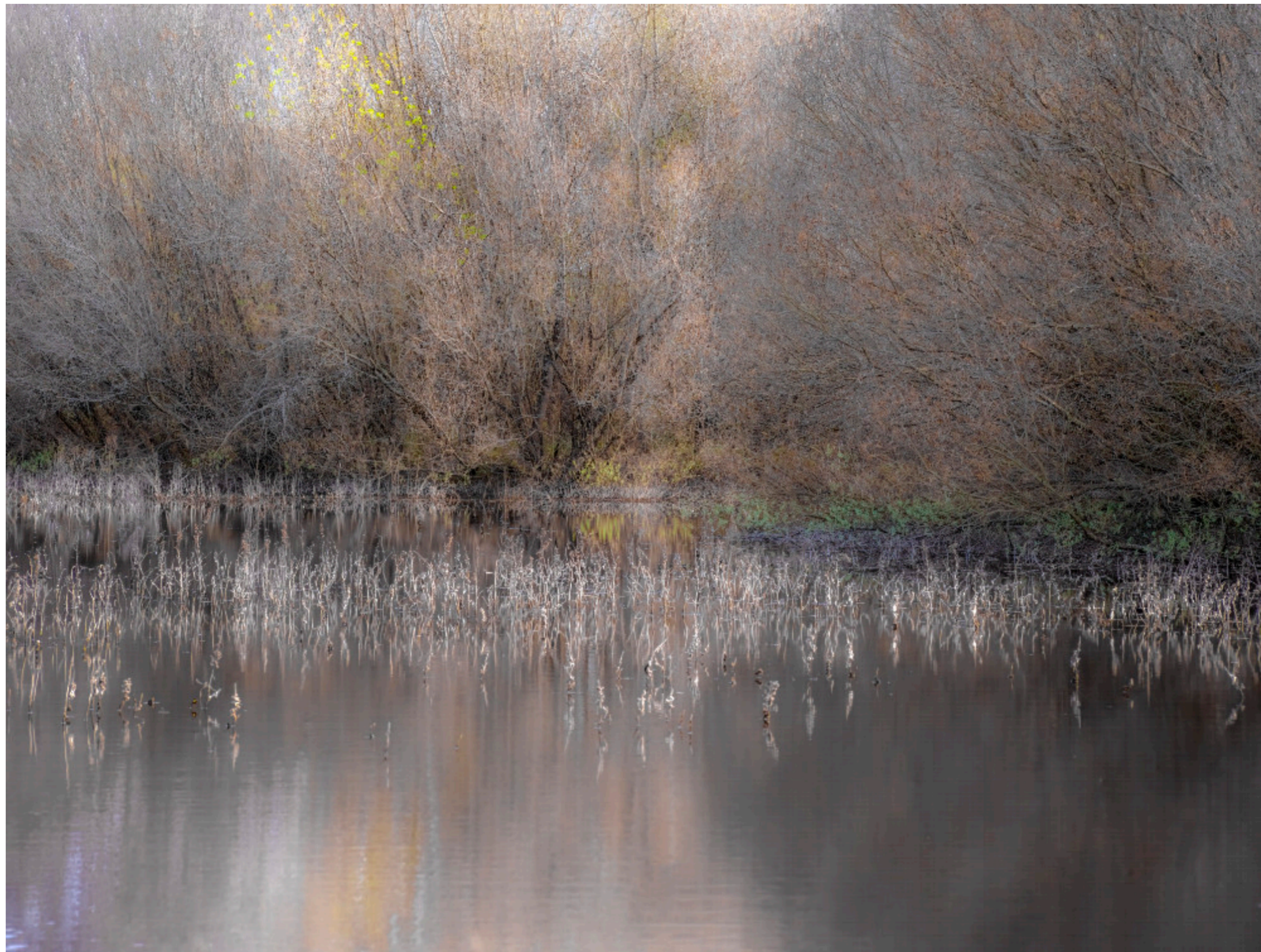
desde finais da década trinta dos idos anos de mil e oitocentos, o que mais influencia nos dias de hoje o ato de fotografar é a disponibilidade que qualquer um de nós tem em possuir equipamentos para o fazer. Se assim é, e é com certeza, que se tenha a preocupação, sempre que queiramos, fazer do ato de fotografar um ato de fazer fotografia.

Aceito que a diferença entre fotografar e fazer fotografia está em separar um ato que pode ser meramente casuístico de um outro que nos obriga a pensar. Pensar, simplesmente pensar. É esta faculdade do ser humano que fundamenta a resposta às questões com que comecei esta escrita e foi-me dada a conhecer na leitura de um texto de [Daniel Blaufuks](#), fotógrafo português contemporâneo, que afirma ser função do fotógrafo pensar, pensar antes e durante o ato de fotografar.

Mas Daniel Blaufuks vai mais longe e sabe que a única resposta à banalização da fotografia, seja fotografia artística, fotojornalismo ou qualquer outro género de fotografia, continua a ser:

pensar. Sabe Blaufuks e sabemos todos nós que é pensando que há evolução. Evolui-se desde o ato de clicar indiferenciadamente no botão da câmara até ao clicar com critério, pensar no porquê das imagens, pensar na necessidade das imagens e pensar em divulgar ou não as imagens. Pensar e investigar é o único caminho para a melhoria contínua da fotografia.

Lá por considerar que a diferença entre fazer fotografia e simplesmente fotografar está em pensar o que envolve esse ato, ou somente fazê-lo sem essa preocupação, não quero dizer que um fotógrafo é um ser pensante e todos os outros são estúpidos. Falando diretamente para os não fotógrafos, os que fotografam sem pensar, só têm dois caminhos a seguir: ou pensam, pensam mais, cada vez mais, antes, durante e depois de fotografar, alcançando uma condição de satisfação pessoal e bem-estar emocional que ao longo da vida lhes proporcionará um estado de graça tal que quando chegar a hora certa para todos nós morrerão felizes, ou... morrem estúpidos.



*Suave amanhecer.* Paul do Boquilobo, 2023



# Dualidades da criação artística.

“A criatividade é a inteligência a divertir-se.” ~ Albert Einstein

Texto e fotografias por **Nuno Luís**.

Minuto após minuto, segundo após segundo, o tempo avança. Os altifalantes da Gare do Oriente anunciam a sua partida em breve. Última chamada, pode-se ouvir. Na plataforma de partida, a azáfama típica de quem o aguarda, a ele, que repetidamente se aventura a cruzar o país de lés a lés. Corpos que se cruzam e se acumulam. Mirones que entre cigarros observam os demais. E ele, em silêncio, apenas aguarda. Na hora marcada, avança, rumo ao seu destino. O meu, seria a cidade do Porto.

Sempre gostei de andar de comboio. Não aqueles que proliferam no centro da cidade e que apenas são pretexto para um vaivém entre o centro e a periferia. Gosto de andar de comboio em viagens longas. Transporta o meu imaginário para filmes e paisagens icónicas.

Os primeiros quilómetros desta viagem nada re-

velam, apenas o vislumbre de uma selva de pedra que teima em crescer ano após ano alargando para lá do horizonte os limites da nossa capital.

Deixo-me levar na oscilação deste gigante de ferro, que ondula ao sabor do seu movimento natural entre carris. Aqui e acolá sinto-me molengão. Em certos momentos, os olhos cerram-se. Mais um solavanco e estou de novo acordado.

O dia está solarengo. A temperatura teima em baixar. É um daqueles típicos dias de outono que tanto gosto, onde o frio e o sol se fundem. Longe vão os dias da roupa mais leve e fresca. Felizmente, por estes dias, o sol tem dado um ar da sua graça e ao trespassar pelo vidro toca-me o rosto com um ténue calor. Não que me sinta gélido, mas sabe bem. É aconchegante.

À medida que a viagem avança, também o sol vai descendo em direção à linha do horizonte. Algures no meio da viagem, os últimos raios de sol fitam a paisagem. Moldam-na. Tornam-na tridimensional. As zonas escuras, que não recebem estes últimos rasgos de luz, predominam na paisagem, no entanto, a pouca luz incidente é a que causa magia. Aqueles efémeros instantes que qualquer comum mortal tanto aprecia. Um deleite para o olhar. Para o artista visual, a luz é a sua alma.

Enquanto saboreio estes suaves momentos, embarco em outra viagem. Um regresso saudosista que faço imensas vezes. Ali estou eu novamente preso a fugazes momentos da minha adolescência, mais concretamente a um velho amigo dos meus pais. Nunca tive, infelizmente, oportunidade de lhe dizer, que foi ele que escancarou em mim as portas das artes visuais, neste caso a



*Estranha forma de vida. Costa da Caparica, 2023*

pintura. Não que ele fosse um predestinado nesta forma de arte e, a bem da verdade, pouco importa, mas despertou em mim o gosto e a curiosidade que anos mais tarde haveria de me guiar à fotografia.

Passava horas a admirar a mestria com que pinçelava as suas telas. Fossem trabalhos encomendados ou obras da sua imaginação. Nesses tempos, ainda que timidamente, aventurei-me na tentativa de pintar. Algo fugaz no tempo. Inocentemente, sabia que ainda não tinha chegado o momento, fosse de pintar ou de me expressar em qualquer outra forma de arte. Foram precisos mais de 10 anos e outra consciência para encarar novamente as artes visuais e desta feita com o acrescento da necessidade de expressar o turbilhão de emoções e sentimentos que me percorriam a alma e que forçosamente tinham de ver a luz do dia.

De regresso à viagem de comboio, uma vez que é a ponte de ligação de toda esta reflexão aqui partilhada. Naquele fugaz momento, em que os últimos raios de sol incendiaram a paisagem, despertou em mim uma tremenda vontade de os registar.

Normalmente socorro-me da máquina fotográfica para o fazer. Desta vez foi diferente. Não desejei assinalar aquele momento num ficheiro composto por zeros e uns, não! E foi precisamente esse desejo que me deixou surpreso.

Influenciado pelas memórias que me tinham assolado o pensamento, senti em mim o anseio de transpor aquele momento efémero para uma tela. Dar-lhe vida através da pintura.

Aquele regresso à minha adolescência não era a

única explicação para este desejo. Creio que é algo mais profundo. Não quis encontrar explicações para esta vontade. Ao invés, agarrei-me a esta intenção e refleti.

Racionalmente e sem qualquer formação na pintura, não poderia reproduzir aquele momento para uma tela. O resultado seria, no mínimo, catastrófico, mas por certo a alma sairia reconfortada.

Este acontecimento marcante não foi mais do que o despertar da minha consciência, adormecida, mas que lentamente tem sentido um chamamento que ecoa em mim para a pintura. Objetivamente, em boa parte do meu trabalho fotográfico mais recente, é evidente a tentativa clara de colar a fotografia à pintura, sobretudo em temas abstratos, recorrendo a técnicas fotográficas inovadoras que permitem lançar a dúvida sobre o resultado obtido.

Até há uns anos, a fotografia apenas captava o que nos rodeava, em caminho contrário à pintura, que sempre permitiu criar algo a partir do imaginário do artista. Aos dias de hoje, a fotografia também assume esse papel, assente na evolução tecnológica, permitindo que o artista crie algo resultante da sua imaginação, suportado, muitas vezes, em diferentes estilos fotográficos, onde a técnica fotográfica associada ao processo de edição permite o alargar do horizonte da criatividade. Novos caminhos se revelam.

Com meios diferentes para alcançar o seu fim, a verdade é que atualmente do ponto de vista da expressão criativa, tanto pintura como fotografia oferecem uma panóplia variada de oportunidades.

Atualmente vêem-se tantos e tantos fotógrafos a usarem técnicas fotográficas que produzem um resultado semelhante a uma pintura. Eu próprio tento essa aproximação como tive oportunidade de referir. Inclusive, em alguns casos, chega a ser difícil distinguir estas duas formas de arte. A linha que as separa é em algumas áreas cada vez mais ténue.

A título de exemplo, a primeira vez que vi uma imagem do fotógrafo espanhol Pep Ventosa, e que, devo dizer, me impressionou verdadeiramente, questionei-me se não seria uma pintura que tinha diante dos meus olhos.

A mesma sensação se apoderou de mim ao ver imagens da fotógrafa polaca Marta Leszczyk. Outros exemplos existem. Em ambos os casos, questiono, o porquê desta abordagem e não o caminho da pintura, quando é evidente o gosto de ambos por essa forma de arte, ou pelo menos, o resultado que pretendem atingir.

Acredito que esta abordagem, além do próprio gosto pessoal, se deva também ao facto de vivermos uma fase em que a fotografia documental, nas mais diversas áreas, é o banal. É tempo de inovar. Fazer coisas, como agora se diz, “fora da caixa”. Provavelmente, daqui a uns anos, voltaremos ao chamado “banal” como algo diferenciador.

O sumo dos acontecimentos atrás descritos levaram ao emergir de uma questão: porque nunca segui o caminho da pintura? Talvez alguns dos que lêem estas linhas se revejam nesta questão. Que motivações, mais ou menos racionais pesaram para uma escolha em detrimento de outra. O racional e o irracional unem-se. Pode ser evocada a preferência por uma forma



*Flow. Ericeira, 2023*

de arte em detrimento da outra. O atingir de resultados mais céleres certamente que terá tido o seu peso. Também serve de atenuante a curva de aprendizagem ser mais rápida na fotografia e, por fim, também como fator decisivo, incluir nesta equação o argumento da paixão e dedicação a algo. A resposta pode ainda ser mais simples e menos complexa - gostar de aproximar a fotografia à pintura, enquanto produto final e não ter qualquer interesse em pintar e aprender a sua técnica.

Honestamente, não sinto necessidade, ao invés de outros momentos do meu percurso fotográfico, de ter uma resposta clara e objetiva que me guie em determinado sentido. Como é reconfortante essa sensação.

Se durante anos a fio ignorei este tema, aos dias de hoje faz-me refletir. Na longa viagem de comboio até ao Porto, de facto dei comigo a pensar que talvez a minha opção pela fotografia estivesse relacionada com o seguir o caminho mais fácil face à pintura. A meu ver, esta espontaneidade de querer pintar, ainda que à boleia de uma velha memória, não é mais do que o reflexo de que não existe amor como o primeiro, e mais tarde ou mais cedo, ele irá irromper de novo nas nossas vidas, neste caso, na minha.

Terminada a viagem era hora de regressar ao corripio do dia a dia, onde sou engolido pelas mais variadas distrações. O assunto adormeceu, mas não caiu em esquecimento. Passado uns dias, resolvi assistir a um pequeno documentário sobre a fotógrafa escocesa Margaret Soraya, para o canal de Youtube do também fotógrafo Sean Tucker. Para quem não conhece, recomendo vivamente dar uma vista de olhos e assistir a alguns dos seus vídeos.

A história desta fotógrafa é, por sinal, uma cronologia temporal de uma vida e dedicação à arte, diga-se, maravilhosa. Retrato nas linhas seguintes o que mais chamou a minha atenção. No referido documentário, a fotografia surge na sua vida precisamente através de duas grandes paixões na arte à época: pintura e desenho.

A fotografia não era mais que uma ferramenta secundária, que auxiliava esse seu grande amor. No final, e por diversos motivos, foi a fotografia que ficou e que perdurou no seu percurso e a fez abraçar de corpo e alma esta forma de expressão artística em detrimento da pintura e do desenho.

A passagem marcante do documentário foi quando ela refere que a determinado momento da sua vida soube que iria voltar a pintar. Que coincidência! Atualmente vivemos num mundo onde desejamos que tudo aconteça de forma ágil e que o espaço temporal entre ter uma ideia e a sua materialização deva ser célere.

No caso dela decorreram 10 anos. Houve da sua parte um processo de amadurecimento desta vontade emergente e fez o regresso à pintura em consciência e no momento que considerou o adequado face às vicissitudes da sua própria vida.

As pinturas são inspiradas nas suas fotografias e não há por parte da própria uma tentativa de reproduzir aquilo que fotografou. São apenas a base. O restante vem de dentro de si. É o deixar a criatividade fluir. A fotografia continua a ser a sua grande paixão, sendo que uma coisa não anula a outra, pelo contrário, complementam-se no sentido da realização pessoal e do expandir a sua criatividade para lá das fronteiras da foto-

grafia., onde as suas fotografias ganham preponderância numa nova interpretação artística através da pintura.

Estes acontecimentos partilhados nestas linhas têm sido reveladores. Acredito que existem momentos na vida que não são obra do acaso. Há um propósito em tudo o que acontece, faltando por vezes a clarividência necessária para entender os sinais que são passados.

Ainda em fase de digerir tudo o que tem acontecido emerge em mim uma crescente necessidade e vontade de pintar. Não poderei falar em regressar à pintura, porque foi algo tão fugaz que considero uma ousadia falar num regresso. Contudo, e com o devido tempo, sinto que vou dar corpo e alma a esse desejo, sem pressas e, acima de tudo, cada vez mais ciente de que há um tempo para tudo, e ao fazê-lo estou a ir ao encontro do meu eu artístico. Afinal, como escreveu Pessoa, “a minha arte, é ser eu”!

Desejo a todos os leitores da revista .Perspetiva um feliz Ano Novo.

# A meia idade da fotografia.

Dar uma fotografia impressa a alguém de quem se gosta é muito mais do que uma simples oferta. É o significado de um propósito, de uma escolha específica. É o lado mais humano da fotografia. Vai para além da arte, vai para além do que é mecânico.

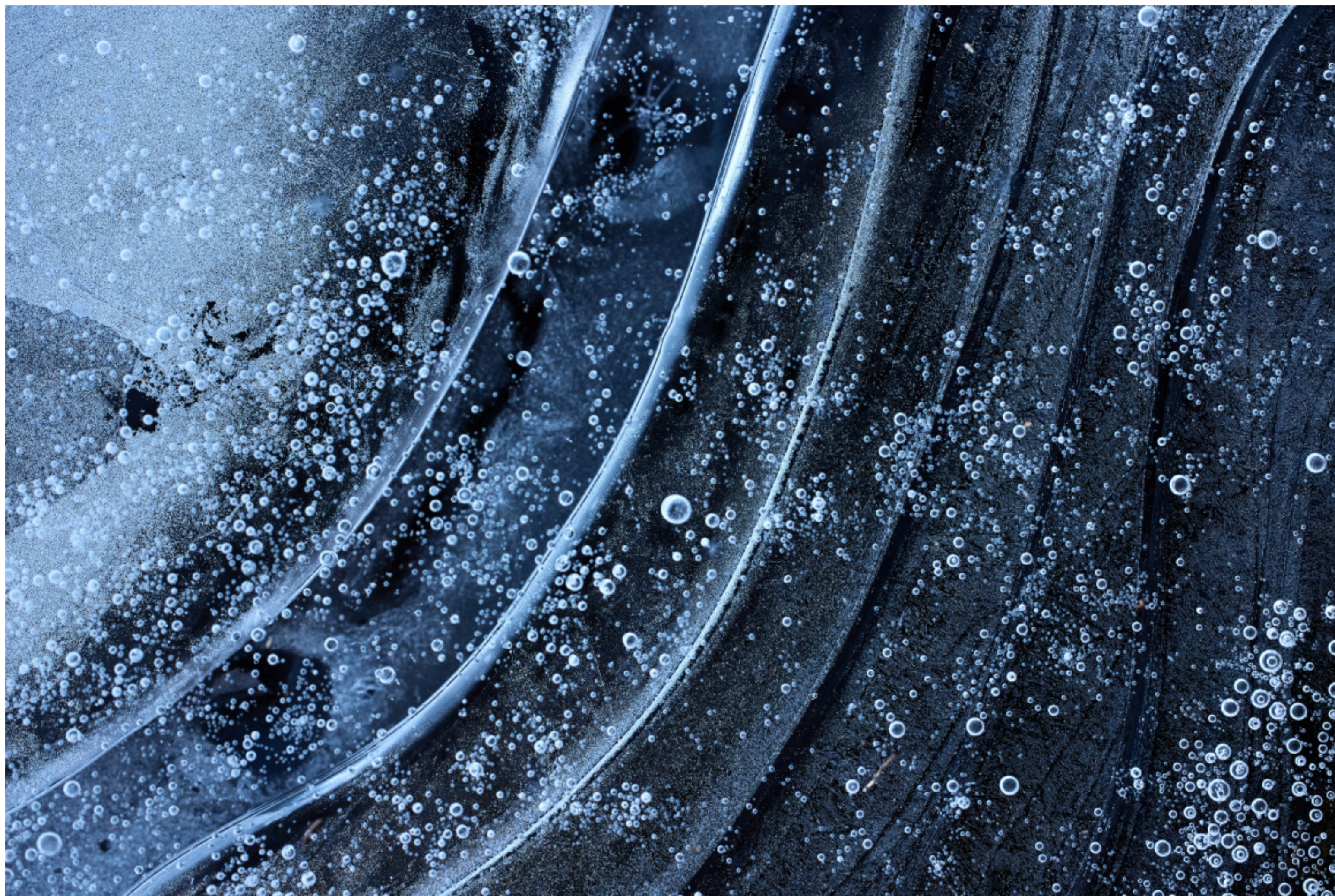
Texto e fotografias por **Ricardo Salvo**.

Este artigo vai parecer redundante, depois do “Luvas de Algodão”, o ponto de vista do Luís Afonso sobre fotografias impressas no último número da .Perspetiva. Vou aqui voltar ao tema, não sobre o aspeto de colecionar impressões, como muito bem se aflora nessa brilhante prosa, mas sobre o gesto de oferecer uma fotografia a alguém. Não me proponho falar do ato comercial de vender uma fotografia, no qual também me envolvi recentemente, mas sim do lado mais emocional, o de partilhar a forma como vemos o mundo com alguém que nos é importante, algo que tem mexido ultimamente comigo.

Recentemente, há coisa de quatro meses, num evento que reúne entusiastas da fotografia de natureza e de paisagem, um deles com quem tenho pena de não ter mais contacto regular aproximou-se de mim e ofereceu-me duas fotografias da sua autoria impressas. Lindas de morrer, exatamente o tipo de fotografia com a qual me identifico. Revi-me naquelas imagens, parecia que tinham sido escolhidas a dedo para mim – e foram, de facto. Não só me revi naquelas duas imagens, como senti o lado mais humano e pessoal da fotografia. E a minha reação foi incontrolável, embargou-se-me a voz, patinei nas palavras de agradecimento e baixei a cabeça

porque... vieram-me as lágrimas aos olhos – que voltam a humedecer-se à escrita destas linhas. Não só existia um desejo daquele fotógrafo de que eu tivesse uma fotografia impressa sua, o que logo por si vale o mundo, como a escolha das fotografias em causa denota uma intenção personalizada. Aquele momento revestiu-se de um poder monstruoso. A importância de uma fotografia equivaleu a um verdadeiro fogo de artifício emocional.

Não foi a primeira vez que tal aconteceu. Não há muito tempo, também, um grande amigo, companheiro da fotografia e uma grande refe-



A oferta de uma fotografia impressa transporta o conceito de fotografia para uma nova dimensão. Vai para lá do que é mecânico.

rência para mim fez questão de que eu tivesse uma fotografia impressa sua. Associei a comoção desse momento a uma eventual fraqueza emocional, mas a repetição leva-me a crer que é, de facto, o próprio gesto de oferecer uma fotografia que mexe comigo.

Acho que já referi nestas páginas – e se não o fiz, quem convive comigo já me ouviu falar no assunto – a minha teoria do legado. A velha máxima de que o fotógrafo fotografa para si é uma verdade limitada, porque em boa verdade fotografamos porque queremos partilhar com o mundo a forma como vemos algo. Pela parte que me toca, que pouco tenho para deixar quando já não estiver por cá, a fotografia tem para mim o propósito de deixar o meu testemunho sobre a forma como vi. Aos meus filhos, netos, a quem vier, fica ali algo que foi minha intenção aprisionar entre quatro linhas, uma opção de escolha que é produto de uma emoção pontual ou de um estado de espírito. Essa é a magia da Arte, é uma partilha que vai para além do bem material, é mais do que um mero produto da Razão, é uma pegada emocional. Aqui fica a forma como vi, aqui fica o que escolhi partilhar convosco tudo o que vi. Pareço pretensioso? Os artistas são pretensiosos.

Voltemos então ao gesto de oferecer uma fotografia. Tocado pela comoção de receber uma fotografia de alguém enquanto gesto pessoal, senti-me motivado a fazer o inverso. Experimentei oferecer uma fotografia minha impressa a quem muito devo – acho – a minha forma de estar enquanto fotógrafo e, cá está de novo, a voz embargou-se-me até à incapacidade de explicar por que o faço. Sem conseguir dizer um “obrigado por existires para mim”. E os pormenores estão em tudo, não só na pessoa que se

escolhe para oferecer uma fotografia impressa, como na escolha exata da fotografia. Esta escolha é um dos pormenores mais importantes, não se trata de uma fotografia qualquer, mas sim a escolha da fotografia que acho que dirá algo de mim a quem ela se destina. E este momento de tão curta duração em que se recebe ou se dá algo de nós tem o tamanho do mundo.

Este é para mim o verdadeiro valor da fotografia – e falo da fotografia porque é o que faço, porque poderia tratar-se de música, pintura ou escrita. Começa no ato de ver, sentir o que vemos, querer guardar esse sentimento (e não o que vimos) numa linguagem muito própria e, por fim, materializar tudo isso em algo palpável, que se oferece, que se entrega a alguém como uma declaração de carinho ou amor. E a satisfação que isso dá é viciante que nem uma droga. A fotografia ganha assim um propósito em várias dimensões e dá respostas à pergunta de porque fotografo.

Costumo dizer que na fotografia estamos sempre a crescer. Essa é, aliás, uma das minhas grandes lutas, a de querer garantir que sentimos que estamos a crescer em algo. Quando acharmos que não temos por onde crescer, acabou-se. E na oferta de uma fotografia impressa a alguém, sentimos que passamos para uma outra dimensão do crescimento pessoal e que transcende o próprio ato de fotografar ou de se gostar de fotografia. E é algo simplesmente maravilhoso. Escrevo para quem me lê, fotografo para quem quer ver como vi. Não, não fotografo só para mim, e obrigado a quem me faz sentir que fotografo para alguém.





À medida que os anos vão passando na relação com a fotografia, o ato de fotografar torna-se cada vez mais humano.



A escolha de uma fotografia específica para a imprimir e oferecer a alguém é um processo que diz tanto de mim como da pessoa a quem quero fazer chegar a impressão.

# A Voz da floresta.

Ensaio.

# A Voz da floresta.

Texto e fotografias por **Jorge Verdasca**.

Nos recantos silenciosos das florestas que fotografo, sinto que viajo para um reino onde cada árvore é uma nota nesta sinfonia verde. Cada tronco, cada ramo, cada folha, é uma testemunha silenciosa das minhas explorações, e à medida que avanço por bosques e florestas, envolvo-me por uma calma que só a natureza proporciona. É como se a floresta me falasse com a sua voz, partilhando segredos através do susurro do vento nas folhas, do murmúrio de riachos escondidos e do eco dos habitantes alados e terrestres.

Sinto que cada árvore, cada floresta ou bosque tem uma voz própria, pois emitem sons diferentes com a passagem de uma simples brisa.

Quando aponto a minha câmara, não busco apenas capturar imagens; busco congelar momentos onde a natureza se expressa. Cada clique é uma nota nesta melodia da comunhão com o ambiente que me cerca.

Na sombra das árvores, encontro refúgio e inspiração, e a câmara torna-se uma extensão do

meu olhar contemplativo, traduzindo a linguagem visual das vozes da floresta.

A chuva e o nevoeiro, constantes companheiros nestes bosques, não são um obstáculo, mas uma harmonia líquida que intensifica a experiência. As gotas caem suavemente sobre as folhas e criam uma sinfonia extra, adicionando uma dimensão sensorial à minha jornada visual. Para mim, caminhar sob a chuva entre as árvores é participar em algo sagrado, renovando a minha ligação com a natureza e inspirando um sentido renovado de propósito. O nevoeiro emerge como um personagem enigmático envolvendo cada cena com um véu misterioso. Quando as gotículas de água suspensas no ar se entrelaçam com a vegetação, a floresta torna-se um reino de sombras e suavidade. O nevoeiro é uma paleta artística que transforma a paisagem num cenário de sonho. Quando avanço é como atravessar um limiar entre mundos, onde as formas se dissolvem e a luz se difunde, criando um ambiente único para este espetáculo. As vozes da floresta são mais suaves quando há nevoeiro. E ao contrário do que parece, é uma

imersão sensorial que amplifica a presença das árvores, convidando-nos a explorar a fronteira entre realidade e fantasia. Sinto que pertenço a todo este equilíbrio.

Perdido em labirintos de trilhos, descubro não apenas a beleza da paisagem, mas a beleza interior que se revela na quietude da floresta. Aqui, entre árvores muitas vezes centenárias, encontro a simplicidade que falta no mundo movimentado lá fora. Cada visita é uma oportunidade de renovar a paixão pela fotografia de natureza, uma lembrança de que, mesmo nos dias mais desafiadores, a floresta oferece sempre um refúgio acolhedor. Aqui lavo a minha alma. Aqui estou em casa.

Convido-vos a percorrer estas imagens não apenas com os olhos, mas com o coração aberto para as vozes da floresta que permeiam cada cena. Que esta jornada visual seja mais do que uma simples observação; que seja uma experiência partilhada de contemplação e conexão com a magia intemporal da natureza.

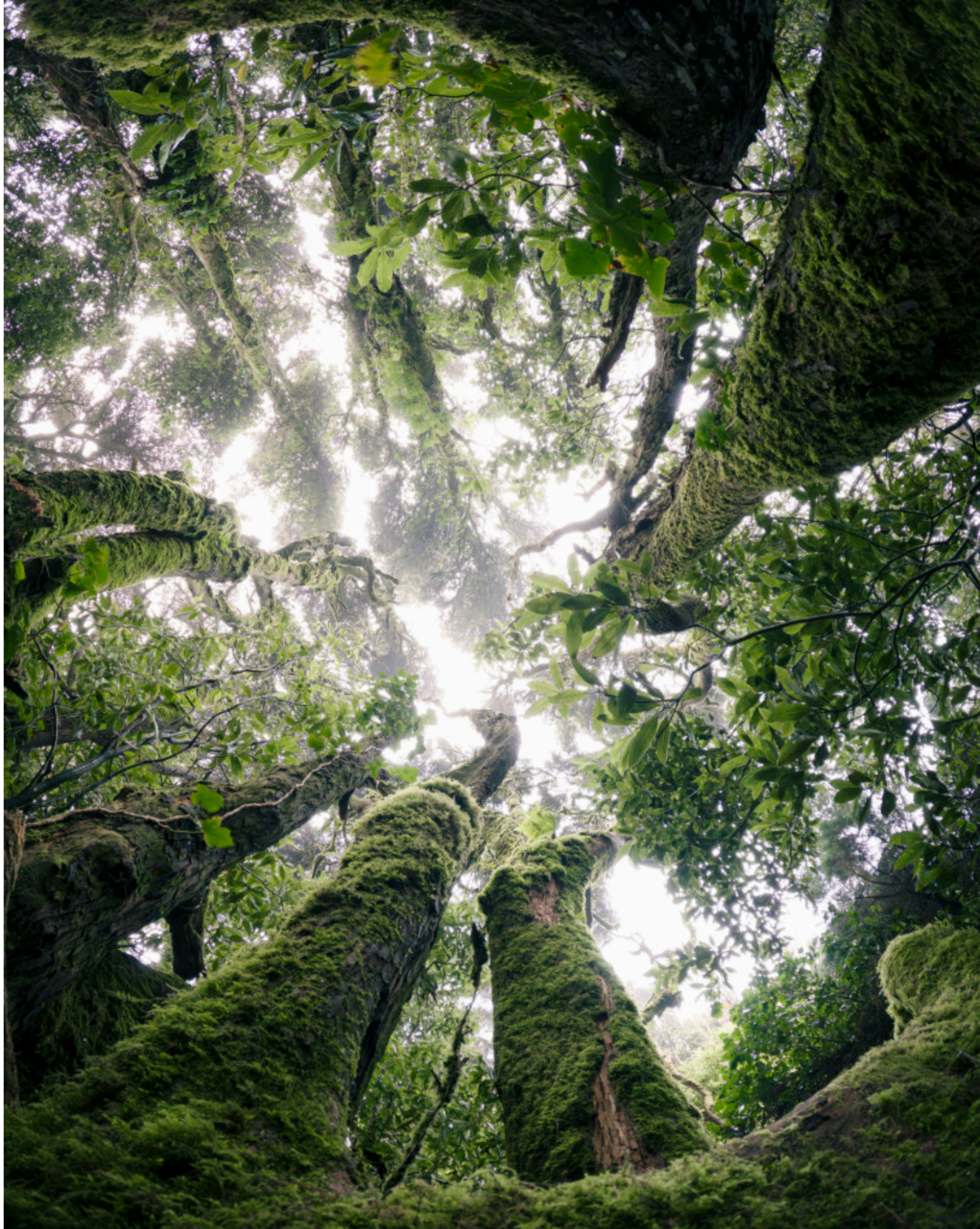
























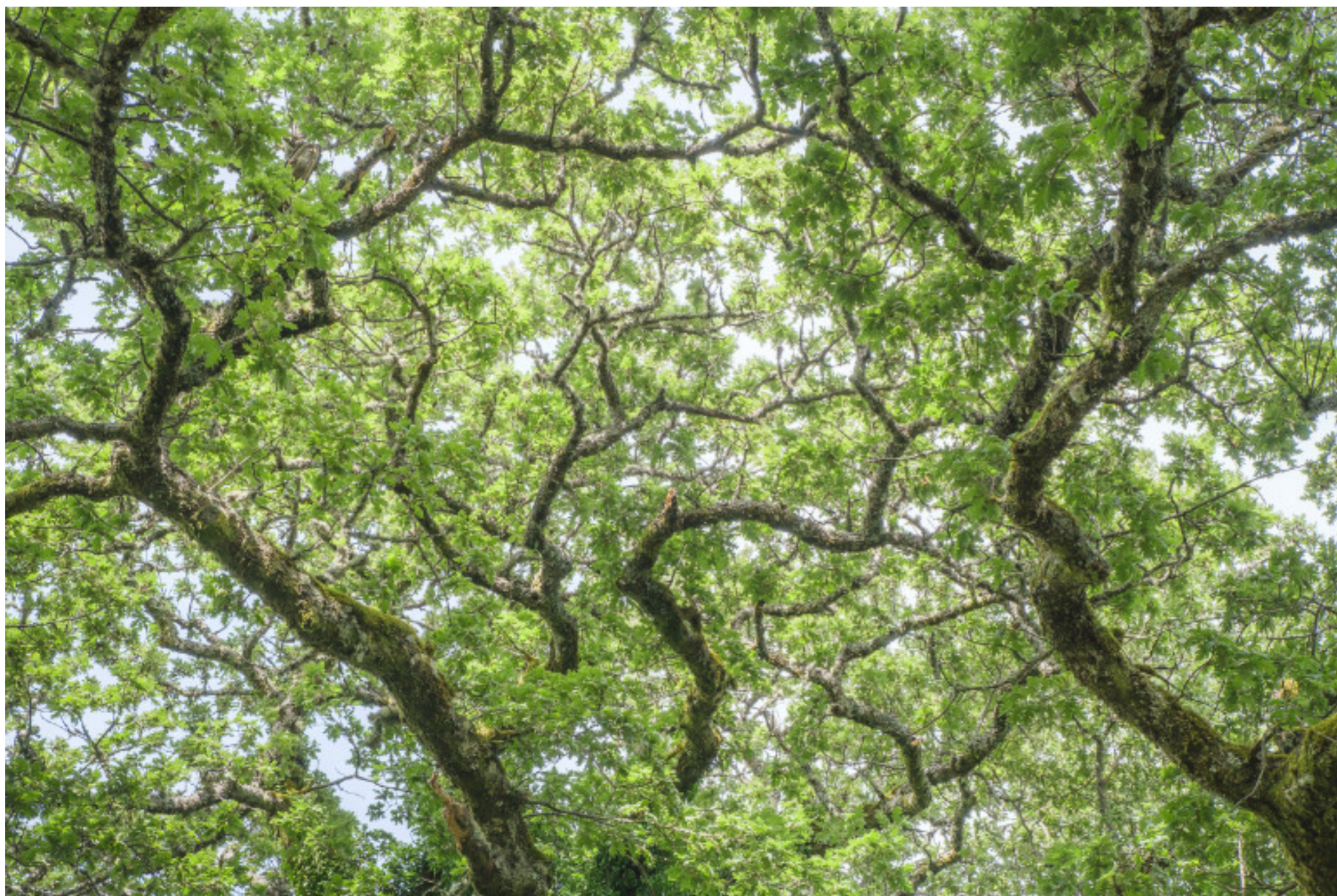




# Intricacy.

## Serra do Gerês, 2021

Texto e fotografia por **Ângelo Jesus**.



Criada ao entardecer de um belo dia de verão por terras Geresianas, esta imagem surge como uma revelação do menos óbvio.

Por vezes, quando todo o cenário ao meu alcance visual se contamina com demasiada informação e por uma luz difícil de lidar, os olhos tentam encontrar outras coisas, por vezes mais pequenas e descontextualizadas do que está ao seu redor. Desta vez o olhar virou-se para cima, encontrando aquela que seria a minha fotografia daquele dia. Já não se tratavam apenas das belas copas que vestem os enormes carvalhos a viver neste sítio escondido do Parque Nacional. Era mais um emaranhado de ramos e folhas verdes, que organizados de determinada forma e olhados a partir de um certo sítio mostravam algo que parecia feito com a intencionalidade da mão humana.

Mas o que me leva a fotografar este tipo de coisas? Normalmente são as características gráficas que me atraem, como neste caso, onde surgem ramos que se repetem numa escala cada vez menor. Que parecem bailar em unísono, levando o olhar primeiro a viajar à volta da fotografia e, depois, a parar mais ao centro, numa espécie de portal de entrada para um pequeno universo.

Fotografar para o céu ou tendo-o no enquadramento é sempre uma manobra arriscada e algo que na maioria das vezes costumo evitar. Porém como também não é meu hábito seguir regras e muito menos no interior de um bosque, o céu sobre-exposto é aqui aceite como parte importante na construção da imagem, tendo sido necessário diminuir os contrastes em pós-processamento, elevando-se consideravelmente as sombras para criar mais equilíbrio e conforto vi-

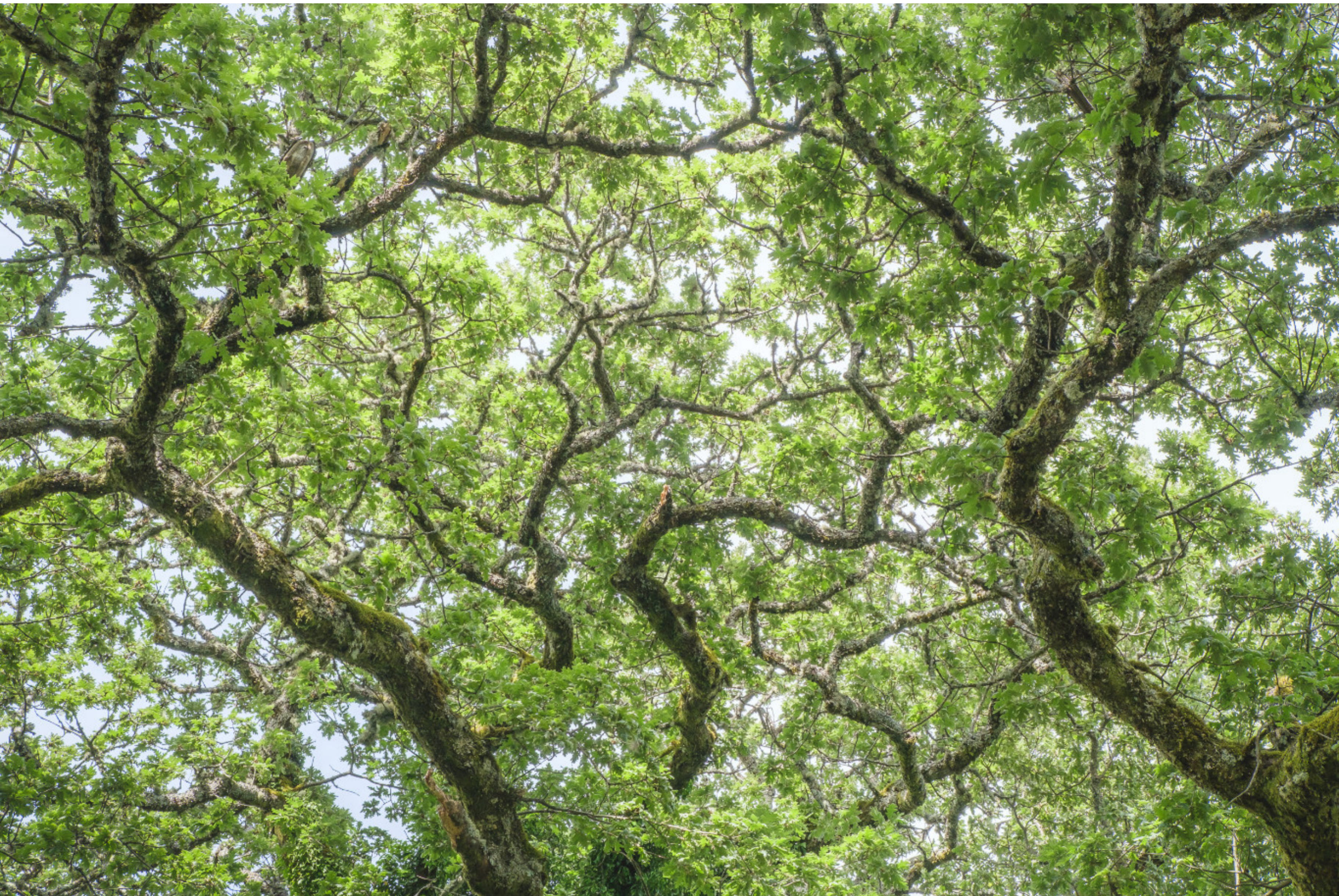
sual. A composição feita com rigor e precisão é a chave para que tudo isto funcione, não só pelo alinhamento dos elementos, mas também pela distribuição uniforme das áreas mais iluminadas.

Certamente que esta não é uma cena perfeita. Contudo, como costume dizer, não procuro a perfeição na natureza, mas sim a beleza nas suas imperfeições. O imperfeito é natural e é o que torna as coisas únicas. Porém, a natureza, apesar de imperfeita, segue regras, padrões, e revela-nos constantemente este tipo de desenhos naturais. Eles podem ser encontrados por todo o lado se olharmos com atenção, seja a observar o cosmos ou uma estrutura celular.

Reconheço que inicialmente não dei a devida atenção a esta fotografia. Contudo, à medida que fui trabalhando nela, a mesma foi amadurecendo e demonstrando que por vezes são estas imagens que verdadeiramente nos conquistam e ganham longevidade quanto mais olhamos para elas.

Recentemente esta imagem foi comentada num canal de YouTube que recomendo, [Brews n'Views \(episódio 3\)](#) e que podem assistir a partir do minuto 34:20.

Pág. anterior e seguinte:  
Fujifilm X-T3  
XF 18-55mm f/2.8-4 R LM OIS  
1/120s a f/11, ISO 400, 26mm  
Sem tripé.



# Outono prolongado.

# Outono prolongado.

“É a imaginação do fotógrafo que eleva uma paisagem, tornando-a especialmente expressiva - e talvez até mais bonita do que o observador casual possa vê-la.” ~ Erin Babnik

Texto e fotografias por **Miguel Serra**.

Fotografar o Covão da Ametade e toda a sua envolvência durante as próximas quatro estações é o propósito desta minha viagem que agora se inicia e que pretendo partilhar convosco nos meses que se seguem. Na verdade, não é assim nada de novo para quem segue o meu trabalho fotográfico, mas com uma grande particularidade: proponho-me fotografar este lugar emblemático da Serra da Estrela de uma forma constante e sistemática, na procura de novas abordagens fotográficas, esperando-se por isso um resultado mais coerente.

## **O Covão da Ametade**

Localizado a cerca de 1.500 metros de altitude, no sopé do Cântaro Magro, onde o Rio Zêzere

começa a tomar corpo e segue o seu início de percurso sinuoso pelo Vale Glaciário. Deste local pode contemplar-se a imponência e grandiosidade do afloramento granítico dos Cântaros (Magro, Gordo e Raso).

O Covão da Ametade é um dos locais mais icónicos da Serra da Estrela, resultado de uma depressão mal drenada, situada num covão glaciário a jusante do Covão Cimeiro.

É um espaço natural bastante atrativo devido à vegetação envolvente, maioritariamente composta por bétulas, dispersas ordenadamente, e preenchido por relvados naturais (cervunais). O rio divide o espaço em duas partes semelhantes, daí a designação ‘Covão da Ametade’.

## **Um ano inteiro**

Fotografar regularmente o mesmo local durante um vasto período temporal, em diferentes horas do dia e ao longo de um ano, permite conhecer melhor na sua plenitude, o ambiente e o comportamento da luz e das condições climatéricas.

A escolha do Covão da Ametade foi óbvia. Em primeiro lugar, porque está próximo da minha área de residência e bastante acessível em qualquer altura do ano, à exceção de alguns dias aquando da queda de neve, que pode dificultar uma visita ao terreno mais momentânea. Por outro lado, permite-me estar no Coração da Serra da Estrela, em contacto permanente com os elementos naturais que mais despertam em



*Anfiteatro natural. Covão da Ametade, dezembro 2023*

mim o interesse fotográfico. Aqui as estações são bem presentes, uma outra premissa não menos importante associada a este compromisso.

Para além do enquadramento do Covão da Ametade e a sua envolvência que pretendo realizar através da fotografia de paisagem aberta, o foco do meu trabalho será centrado na paisagem íntima, transversal fundamentalmente a três elementos naturais: água, árvores e rochas.

A presença da água no Rio Zêzere será sempre um bom motivo fotográfico que nunca irei descurar. As pequenas quedas de água, os reflexos, os fluxos e o movimento da corrente.

A flora existente no local que tentarei fotografar e identificar será outro propósito, com destaque para as bétulas ou vidoeiros plantados pela mão do homem para evitar a erosão do solo junto às linhas de água.

Por fim, as rochas graníticas milenares que abraçam o Covão da Ametade e revestem este lugar de uma grandiosidade extrema.

Esta abordagem ao longo das quatro estações vai também certamente atestar que é ao pé de casa que dispomos das melhores oportunidades fotográficas e onde a criação pode até surpreender os próprios autores, bastando para isso estar focado num determinado objetivo.

### **As bétulas**

A minha primeira visita ao terreno inserida nesta longa caminhada aconteceu no dia 1 de dezembro de 2023, calculando que o seu final ocorra lá para o dia 30 de novembro de 2024.

Decorrido o primeiro mês, desde início do projeto até à data que escrevo este artigo, registo quase 18 horas no terreno, contabilizadas entre o primeiro e o último registo em cada uma das 7 saídas, maioritariamente realizadas durante o início da manhã, entre o final do outono e o início do inverno. Mais de 1.300 registos fotográficos, entre os quais selecionei e editei as 10 fotografias que acompanham este artigo.

Neste período a minha atenção prendeu-se essencialmente nas copas das árvores e nas folhas ressequidas caídas no chão.

A cada visita ao Covão da Ametade surge uma nova descoberta, que me transporta subsequentemente para um novo estado da minha contemplação.

Com o olhar focado nas bétulas, foram várias as ocasiões no terreno em que o pensamento me arrastou até ao livro sob o título “A Vida Secreta das Árvores”, um best-seller do autor Peter Wohlleben, engenheiro florestal e divulgador científico que iniciou a sua carreira como guarda florestal. Nessa obra o autor pretende conduzir os leitores para a descoberta de um mundo misterioso das árvores, nomeadamente o que sentem e como comunicam.

Sobre as bétulas escreve que “as bétulas estão muitas vezes sozinhas em campos abertos, sem qualquer vizinho que lhes lance uma sombra, pelo que a esta sua constituição faz todo o sentido”.

O autor alemão transporta-nos para verdadeiras surpresas sobre a casca do tronco da bétula: “A sua cor branca provém da substância betulina, a qual constitui grande parte da casca. A cor

branca reflete a luz do sol, protegendo assim o tronco de queimaduras solares. Além disso, evita um aquecimento sob a luz quente do sol de inverno”. Continua desvendando que “Uma árvore que forma uma grande parte da sua casca a partir de substâncias de defesa é porque se encontra permanentemente em estado de alerta”.

Um livro que revela histórias fascinantes sobre as espantosas e pouco conhecidas características das árvores, afirmando por fim “Só quem as conhece bem será capaz de as proteger”.

Como já atrás referi, é exatamente sobre as bétulas no final da estação do outono que recai esta minha primeira incursão, integrada no projeto “Covão da Ametade: As Quatro Estações”. Aproveitar a luz das primeiras horas do dia e compor harmoniosamente os troncos despidos de folhas, que contrastam, aqui e acolá, com alguma folhagem que teima permanecer até ao final da estação.

Foi realmente enriquecedor compor graficamente os derradeiros ramos com as folhas da última estação, num contraste singular e incomparável com o outono frondoso que o mês de novembro proporciona e que neste ano de 2024 irá encerrar o desafio aqui proposto.

Troncos altaneiros e ramos entrelaçados que dançam ao som da melodia ténue da água que desliza no leito do Rio Zêzere.

Num local sobejamente visitado por imensos turistas, seja qual for a estação do ano, há que aproveitar as primeiras duas a três horas do dia em que me encontro sozinho na maioria das vezes naquele recinto natural.

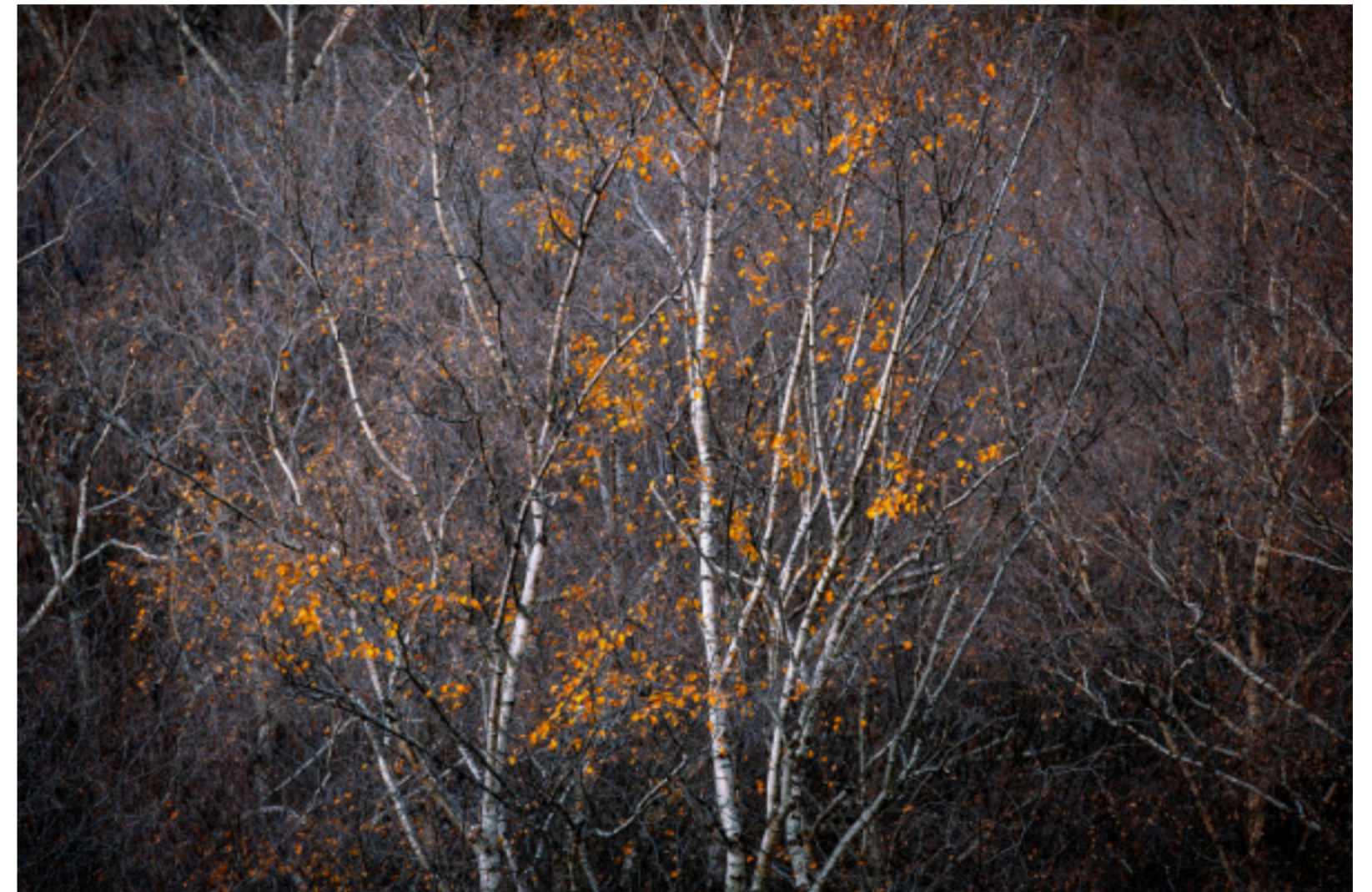


*Dança contagiante. Covão da Ametade, dezembro 2023*





*Lado a lado.* Covão da Ametade, dezembro 2023



*Unidas por si.* Covão da Ametade, dezembro 2023

Pág. seguinte:  
*Duo cintilante.* Covão da Ametade, dezembro 2023.



Lá para o início da manhã começam os primeiros visitantes a percorrer o Covão da Ametade. Há que me abstrair da sua chegada e continuar a minha jornada até que a inspiração perdue e as forças aguentem.

Dia após dia, começam a surgir os primeiros resultados que me deixam muito satisfeito. As majestosas bétulas são verdadeiras pérolas que

cercam este pedaço de terra singular e que muito merecem o nosso respeito.

### **Próximo capítulo...**

Para os meses que se seguem, aguardo com expectativa as baixas temperaturas que vão possibilitar registar a geada e o gelo, à semelhança do que já aconteceu em algumas das últimas saídas

fotográficas, prenúncio do Inverno rigoroso que se aproxima apressadamente. Espero igualmente ter a oportunidade de registar a tão ambicionada queda da neve, que vai transformar por completo o cenário idílico do Covão da Ametade.



*Viver em comunidade.*  
Covão da Ametade, dezembro 2023



*Erguidas ao céu. Covão da Ametade, dezembro 2023*



*Adornos naturais.* Covão da Ametade, dezembro 2023



*Véu suspenso.* Covão da Ametade, dezembro 2023

Pág. seguinte:  
*Espelho meu.* Covão da Ametade, dezembro 2023.



# Os vermelhos ardentes do pecado colorido.

# Os vermelhos ardentes do pecado colorido.

“Comprometo-me a fotografar durante um ano sem o uso da cor, a explorar novas técnicas de produção e edição e a partilhar os sucessos e os fracassos. Para tal poderei usar todos os equipamentos ao meu dispor sem restrições. As doces cores da primavera não serão uma tentação e no outono não me deixarei levar pelos vermelhos ardentes do pecado colorido!” ~ **Tiago Mateus** *in Perspetiva* 08, Março 2023

Texto e fotografias por **Tiago Mateus**.

Enfim a viagem terminou. Não parece, mas passou exatamente um ano desde que comecei a minha mais fantástica viagem fotográfica de sempre. Foi um ano recheado de emoção, descoberta e recompensa. Fisicamente não fui muito longe e continuo a escrever-vos do mesmo cantinho do escritório aqui de casa, aparentemente nada mudou. Os meus catálogos de fotografia no computador continuam um caos, continuei a destruir equipamento fotográfico em tempestades e ainda não foi este ano que fui visitar sítios novos. Afinal onde foi esta viagem? Qual era o objetivo de tudo isto? O que mudou? São todas questões de resposta complexa. Pensando bem, nem sequer consegui levar até ao

fim o único desafio que me propus, estar um ano sem fotografar a cores!

Parece que a viagem deixou mais perguntas do que respostas. Terá sido este mais um projeto falhado pelo mestre dos projetos falhados Tiago Mateus? De certa forma é verdade, mas posso garantir-vos que muita coisa mudou e que esta viagem sem cor me levou para muito mais longe do que eu poderia imaginar quando comecei o desafio, mas lá chegaremos. Para já, e visto que findámos a jornada, esta será a melhor altura para partilhar convosco o porquê deste projeto e como ele começou, antes dos “pensamentos que nos atormentam e ideias ge-

niais” que partilhei no primeiro artigo.

No final de 2022, a minha fotografia estava num beco sem saída, há vários meses que tentava concluir pelo menos um dos vários projetos fotográficos que tinha iniciado anos antes. A minha principal arma nesta fase da minha carreira não era o pensamento criativo, era o planeamento exaustivo de todas as saídas fotográficas que fazia. A ansiedade de terminar pelo menos um dos projetos levava-me a nunca sair de casa sem ter uma composição estudada, a previsão meteorológica mais favorável e uma estimativa exata da hora a que a fotografia deveria ser feita. Toda a criatividade era canaliza-



da para o planeamento exaustivo de cada sessão, o que me deixava com pouca energia mental e tempo para o improvisado ou para procurar fotografias fora do âmbito dos projetos. A minha fotografia encontrava-se naquele final de ano compartimentada, limitada aos temas dos projetos e espartilhada pela minha obsessão pelo planeamento rigoroso. A frustração e desespero não paravam de crescer num sentido inverso à criatividade.

Agora consigo olhar mais friamente para trás e consigo perceber que isto está relacionado com um problema de gestão de expectativas. Nem sempre conseguimos terminar o que queremos da forma como desejamos e isso não tem mal nenhum. Penso que é importante saber falhar, desistir e partir para outra. A arte não é só dos teimosos mas também dos preguiçosos inteligentes. Confesso que a cor sempre foi algo que me dificultou muito o processo criativo, horas passadas ao computador sem nunca conseguir decidir para que lado levar uma edição, criava versões e versões da mesma fotografia sem nunca chegar a conclusão nenhuma acerca do tratamento de determinadas cores. Parece que a cor nunca me permitiu explorar plenamente todo o potencial de emoções e sensações que tanto gosto de transmitir através das minhas fotografias. A viagem monocromática surgiu assim como uma fuga para a frente destas angústias e de todas as amarras que prendiam a minha criatividade e a minha alma artística. Ela trouxe-me uma liberdade na criação como eu ainda não tinha sentido na minha ainda curta carreira de fotógrafo. As horas de dúvida e stress passadas ao computador transformaram-se em horas de prazer e meditação a editar em tons de carvão.

Sem um plano em concreto acabei por descobrir o destino desta viagem, a minha liberdade. Um dos pontos altos desta libertação artística surgiu em maio, primeiro numa subida à serra do Gerês e mais tarde numa expedição de cinco dias sozinho pelo parque nacional dos Picos de Europa, onde encontrei aquilo que apelidei “a minha montanha”. No artigo “O Elefante Cor-de-rosa” descrevi-a assim:

*“Para encontrar a minha montanha caminhei só, fotografei só, demorei exatamente o tempo necessário, não foi preciso esperar por ninguém no trilho que eu mesmo escolhi. Lá no alto, subi até onde me apeteceu, não tive de ir atrás de ninguém, não me importei de não chegar ao cume porque não era esse o meu objetivo. O ponto final da subida, quando sabemos onde queremos ir, é apenas o ponto onde voltamos para trás. Foi no meio daquela doce solidão, no meu cume, que encontrei mais um pedaço de mim, a minha montanha. A minha montanha não é feita de pedra, é feita de trilhos e é feita de mim. Nela encontro os meus limites, a minha insegurança, mas também, a minha paz e a minha arte.”*

Tiago Mateus *in* Perspetiva #11, Outubro 2023

Ao longo desta viagem fotografei o que quis como quis à hora que me apeteceu sem ter um tema a restringir a minha lente, e isso está bem patente nas fotografias que vos trouxe durante este ano. Se houve um tema, esse foi a variedade! Desde as matas de pinheiro-manso, a minha maior paixão, passando pelas rochas e praias da costa portuguesa, até aos mares de pedra que só se encontram na solidão do alto de uma montanha. Afinal a viagem monocromática não tinha nenhum destino exótico nem um objetivo em concreto, percebo agora que o destino estava unicamente dentro de mim e que a fotografia

a preto e branco foi apenas o veículo para o alcançar.

Não gosto de lições de moral nem pretendo influenciar ninguém a fazer o que fiz, mas se há uma ideia a reter deste ano, é que cada um deve fazer a sua viagem, não interessa se é monocromática ou com cor, se é um ano ou dez, se é com fotografia ou outra arte qualquer, o que interessa é fazer um caminho, mesmo que este não tenha destino. Seja qual for o caminho que escolherem para a vossa viagem, se o vosso veículo também for a fotografia, no final talvez se identifiquem com o que vos vou dizer. A fotografia que fazem não tem nada a ver com a máquina que usam, não tem relação nenhuma com os quilómetros que percorreram nem com o sítio onde estão, com a hora que escolheram ou com os livros que leram. A vossa fotografia não tem nada a ver com as imagens que viram na Internet, nem com os truques e dicas daquele vídeo do YouTube. Não tem nada a ver com as opiniões da vossa comunidade, dos vossos amigos e muito menos com o que estão a ler neste artigo. Não estou a exagerar, e até vos digo mais, a vossa fotografia nem sequer tem a ver com o que estão a fotografar! A vossa fotografia não existe num vácuo alimentado por egos e energias externas, ela não surge instantaneamente com o disparo do obturador, ela vem da vossa persistência, empenho e imaginação. A vossa fotografia vem de dentro de vocês, só de vocês, do vosso ponto de vista único da natureza que vos rodeia.

Obrigado por me acompanharem nesta viagem.

Fim.



*Os vermelhos ardentes do pecado colorido.*  
Parque Nacional Picos de Europa, 2023

Pág. seguinte:  
*Vidros embaciados.*  
Parque Nacional Picos de Europa, 2023





*As curvas do desejo.* Parque Nacional Picos de Europa, 2023



*Jario*. Parque Nacional Picos de Europa, 2023



(Sem título). Parque Nacional Picos de Europa, 2023



*A linha que separa.* Parque Nacional Picos de Europa, 2023



Pág. seguinte:  
(Sem título). Parque Nacional Picos de Europa, 2023

*Cores de outono.* Parque Nacional Picos de Europa, 2023





# Um Outono sem folhas por Pitões das Júnias.

# Um Outono sem folhas por Pitões das Júnias.

Uma saída fotográfica é mais do que sair para tirar fotografias. É um momento de introspecção e de contemplação da natureza, uma experiência irrepetível e sem igual.

Texto e fotografias por **Mário Cunha**.

Como é hábito em dezembro, desloquei-me até Pitões das Júnias para lecionar um *workshop* de fotografia onde o objectivo era ver e fotografar o Outono, que é ali geralmente mais tardio, dos carvalhos abundantes por este território. Saí de casa convencido de que iríamos ter um fim de semana cheio de cor como tem acontecido nos últimos anos. No entanto, dado o tempo agreste com muita chuva e vento das semanas anteriores, chegado ao local encontrei os carvalhos despidos de folhas muito mais cedo que o habitual. O *workshop* correu lindamente independentemente disso, até porque, sempre que saímos, devemos estar dispostos a aproveitar as condições que se apresentam diante de nós. A

saída da qual vos quero falar começa apenas no domingo à tarde, após os participantes regressarem às suas casas.

Depois de descansar um pouco e sabendo que o Bosque do Beredo, o meu objectivo inicial, estava despido de folhas, decidi ir até ao planalto de Pitões das Júnias onde encontramos pequenos exemplares de carvalho negral. O planalto é um sítio bastante interessante, pois, para além de ter grandes aglomerados de carvalho negral, apresenta também alguns exemplares desta espécie bastante isolados proporcionando sujeitos para criar imagens, para mim, bastante interessantes. Para além do nevoeiro que ajudou imen-

so, tive também o prazer de partilhar a tarde de domingo com a chuva e com o vento. Estas condições fizeram com que fosse quase impossível fotografar de sul para norte, ficando limitado à orientação contrária.

No local já se sentia o inverno onde o frio, a chuva e a ausência quase total de cor criavam um ambiente soturno. Foi aqui que percebi que fotografar o local de uma forma monocromática seria mais apropriado. Talvez não a preto e branco mas sim com um pequeno desvio cromático para o azul, transmitindo mais a sensação de frio. Quero que este artigo seja uma descrição da minha experiência mas sem deixar de





Pitões das Júnias, 2023



Pitões das Júnias, 2023

vos encorajar a experimentar e explorar tanto no terreno como em pós-produção.

Depois de passar cerca de duas horas debaixo de chuva e de ter feito três imagens (páginas anteriores) com as quais estava contente e que penso representarem bem a minha tarde, retirei-me para descansar e preparar-me para o próximo dia. Continuo a achar incrível o quão reconfortante é uma boa refeição num local seco e quente após horas ao frio e à chuva; simplesmente fabuloso.

No dia seguinte, um dia de chuva intensa, aventurei-me pela serra de Pitões das Júnias. As previsões apontavam para abertas durante a manhã, o que poderia dar boas condições para fotografar montanha. Assim que me encontrei rodeado de granito e sabendo que à minha frente se encontrava a “Brazalite”, uma das formações rochosas mais imponentes deste maciço, aguardei que o tempo abrisse para a conseguir fotografar. Como eu e outros que muitas vezes me acompanham pelas incursões nesta serra sabemos, neste local quase nunca as coisas acontecem como previsto e esta vez não foi exceção. Continuei, pois, a minha caminhada que se tornou mais num passeio por lugares que me são queridos e onde a chuva foi a companhia mais prevalente. Desta saída, que durou até cerca das 14:30h, resultou apenas uma imagem (nesta página) que, mais uma vez, descreve bem o que se passou naquela manhã, apesar de ser uma pequena secção de um conjunto de carvalhos.

Já de volta ao conforto do carro, após seis horas debaixo de chuva quase constante e depois de mudar a roupa na totalidade, o tempo começa a mudar e a luz finalmente vence a batalha com

as nuvens e ilumina a paisagem. Sabendo eu onde estavam os únicos carvalhos com algumas folhas, junto à cascata de Pitões das Júnias, fui até lá e desta vez o cenário monocromático que me havia acompanhado antes desapareceu! A luz característica deste local, onde o sol fica no limite da montanha a oeste cerca de uma hora antes de se pôr, criou uma atmosfera nos bosques onde as folhas dos carvalhos brilharam como eu nunca tinha visto! Foi então que a minha visita a este local terminou cheia de cor e calor (imagem da página seguinte).

Pitões das Júnias, 2023







# A árvore das fotografias

## Parte I



# A árvore das fotografias

## Parte I

Texto e imagens por **Luís Afonso**.

O arquivo fotográfico representa a totalidade das nossas fotografias e existe independente de qualquer *software* de edição e organização de imagem. É a materialização da nossa coleção de fotografias instanciada em ficheiros informáticos.

Uma das primeiras e mais importantes decisões que qualquer fotógrafo tem de tomar é a localização física do seu arquivo fotográfico. Isto porque, após a primeira sessão fotográfica ou quando se atinge pela primeira vez a capacidade do cartão de memória, mais cedo ou mais tarde irá surgir a necessidade de mover as fotografias para o suporte digital onde vão ser armazenadas, normalmente o disco rígido do computador onde posteriormente se irá dar

lugar à tarefa de edição e pós-processamento de imagem. A pergunta que todos fazemos, consciente ou inconscientemente, é: onde?

Antes de responder a essa questão, partilhando uma vez mais a minha própria experiência, gostaria de colocar um ponto prévio sobre o momento certo para fazer saltar as fotografias do cartão de memória para o arquivo.

Esta tarefa deverá ser realizada o mais próximo possível do final da sessão fotográfica. Se possível, no final do dia de trabalho ou imediatamente após a sessão fotográfica.

Caso tenhamos disponibilidade, as imagens devem ser importadas do cartão de memória

através do nosso processo habitual de importação (que deverá incluir uma cópia de segurança). Após garantirmos uma importação bem sucedida, os cartões devem ser imediatamente formatados (sempre na máquina) para os preparar para uma nova sessão, ao mesmo tempo que prolongamos a sua vida útil e minimizamos a ocorrência de erros e outros problemas nesses dispositivos tão importantes no momento da captação.

Conheço muitas pessoas que passados meses ainda têm fotografias alojadas nos cartões de memória e que inclusive os usam em repetidas sessões até os encherem, gerindo depois o seu espaço na própria câmara, sujeitando-os a erros e outros problemas que podem, por vezes, im-

pedir o acesso às fotografias neles alojados. De-saconselho de todo esta prática. Os cartões devem ser formatados após cada sessão, logo que tenhamos a certeza que as imagens nele contidas estão em lugar seguro.

Para terem uma ideia, o meu primeiro *Compact-Flash* foi comprado no ano 2000 e desde então já tive vários cartões de memória sem que um único alguma vez se tenha estragado ou corrompido qualquer imagem.

Esclarecido que está então o momento em que deve importar as suas fotografias, a decisão a tomar está então no destino a utilizar para o arquivo fotográfico. Que estrutura de pastas devemos usar e para onde devem ser copiadas as imagens?

Aposto que cada um de vós está familiarizado com o uso de pastas (ou diretorias para os que andam nestas andanças da informática há mais tempo) e se baseia nelas em grande parte para gerir a forma como organiza os seus documentos e toda a informação que tem guardada no seu computador pessoal ou mesmo profissional. O sistema de pastas (*folders* em inglês) é um sistema simples de organização que nos permite arrumar ideias tal como fazemos nas prateleiras lá de casa. É o sistema perfeito para quem é arrumadinho e principalmente para quem tem boa memória, uma vez que depois é necessário saber onde se arrumou as coisas ou, pelo menos, em que pasta é suposto procurar este ou aquele documento. Este sistema também funciona bem com imagens, desde que não se tenha um arquivo com dezenas de milhares de fotografias criadas ao longo de anos, nos mais variados locais e situações, de temas distintos, com câmeras diferentes. E é preciso ter em conta

que só quem criou o sistema de pastas é que alguma vez conseguirá encontrar alguma coisa, pois todos os outros desconhecem a estrutura que criamos na nossa cabeça...

Por todas estas razões, aplicações como o Adobe Photoshop Lightroom® facilitam e muito na hora de aceder à informação de forma simples, rápida e intuitiva. E por qualquer pessoa, claro está, tornando este tipo de *software* obrigatório em ambientes em que várias pessoas têm acesso ao mesmo arquivo fotográfico. Para o Lightroom, as fotografias podem estar em qualquer pasta, todas juntas, separadas em centenas de pastas, de tamanhos e nomes variados. Para o Lightroom® só interessa saber a localização, mas nunca a estrutura, pois a gestão das imagens no catálogo é feita através de um sistema de base de dados e não sobre um sistema de pastas em disco. Isto é uma ótima notícia para todos nós, pois diz-nos que o Lightroom® está preparado para se adaptar a qualquer estrutura de ficheiros que tenhamos escolhido!

Mas, como é óbvio, isto não é razão para não termos regras na localização das nossas imagens e nem eu teria começado a escrever este artigo se não houvesse algo que acho importante partilhar convosco. Principalmente porque há um ponto extremamente importante que precisa de uma organização de ficheiros eficiente e bem pensada: a nossa política de cópias de segurança, tema que já abordei nesta revista.

Bom, mas chega de conversa. Assim sendo, qual a primeira decisão a tomar? A pasta principal onde irão “cair” todas as nossas fotografias.

Aconselho a criarem na raiz do vosso disco (e em todos os discos onde vão armazenar as vos-

sas fotografias) uma pasta com um nome sugestivo do tipo “ArquivoFotografico”, “Fotos”, “Photos”, “AsMinhasFotos” ou outro semelhante. Esta será a pasta pai (ou mãe) e será por debaixo desta que tudo irá parar. Isto tem inúmeras vantagens:

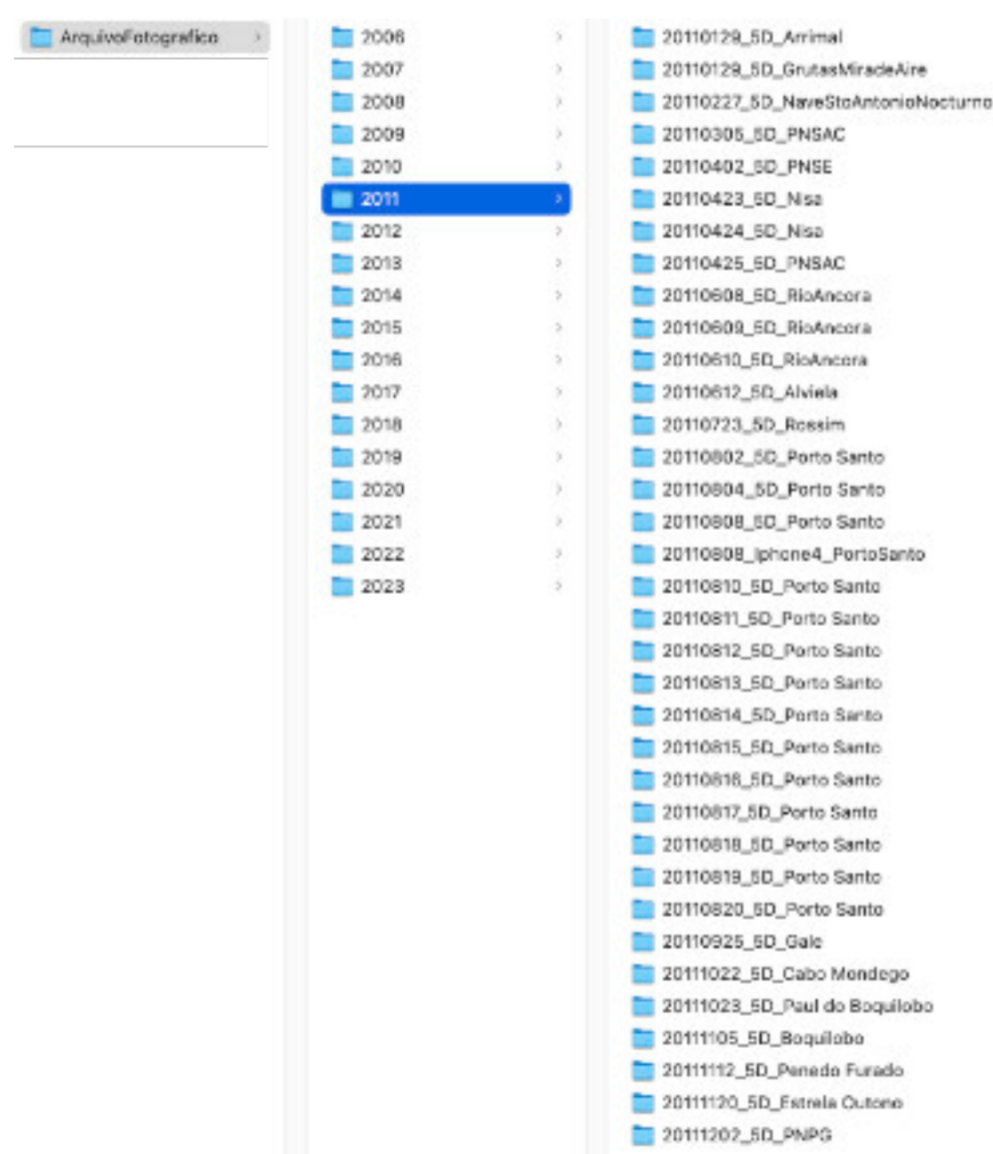
- Permite uma rápida identificação e localização de qual a pasta onde estão todas as fotografias;
- Permite uma gestão simples do arquivo fotográfico, pois se necessitarmos de o copiar ou de o mover para outro disco maior, a operação que temos de efetuar é sempre sobre uma única pasta;
- Permite uma mais simples gestão dos ficheiros e de unidades externas dentro do próprio Lightroom®. Se pretendermos alternar de uma unidade externa para interna ou entre unidades externas, se as fotografias estiverem sempre debaixo da mesma pasta será mais simples “dizer” ao Lightroom® onde se encontram (isto se ele próprio não for capaz de o fazer automaticamente).

Como devemos então organizar os ficheiros dentro da tal pasta de nível superior a que eu vou chamar de “ArquivoFotografico”? Uma decisão importante a tomar é conseguir uma estrutura que permita escalabilidade, ou seja, que esteja preparada para crescer à medida que cresce o nosso arquivo de imagens. Se hoje temos dois ou três milhares de fotos que cabem num disco externo de 1TB, amanhã poderemos ter 100.000 que precisam de ser divididas por 3 ou 4 discos. Além disso, é importante usarmos uma organização que mantenha as pastas criadas estanques, ou seja, imutáveis no seu conteúdo.

Por exemplo, se usarmos uma organização geográfica, as pastas vão estar sempre a ver alterado o seu conteúdo, pois se fotografarmos, por exemplo, várias vezes na Serra de Aire, como é o meu caso, teríamos de estar sempre a inserir novas fotos nessa pasta, o que dificulta em muito a gestão das cópias de segurança da própria pasta.

**Assim sendo, a minha recomendação é que usem uma hierarquia baseada em datas.**

Por forma a facilitar esta organização eu arrumo todos os meus ficheiros em subpastas por anos. Assim sendo, a minha primeira organização será algo do género:



**Fig. 1:** Estrutura de pastas do meu arquivo fotográfico residente num disco externo de 6TB

Desta forma, como as pastas de cada ano não crescem (por vezes decrescem quando andamos a fazer limpezas... apagando fotografias que já estamos preparados para as eliminar), podemos de forma eficaz dividi-las pelos nossos discos externos com a certeza de que não vamos ter de os mover para discos maiores ou rearranjar tudo se as pastas aumentarem de tamanho. Por exemplo, se as pastas de 2000 a 2004 (anos em que tinha uma compacta) cabem todas num disco de 500GB, posso calmamente guardá-las lá e partir para o próximo disco para os próximos anos. E assim sucessivamente...

Adicionalmente a esta organização por ano, tenho ainda uma organização adicional por data de captação de cada sessão. Assim, por de baixo de cada ano guardo os ficheiros por sessão de captação, organizada por data e, às vezes, modelo de máquina. Exemplificando, se estiver a importar uma sessão de paisagem natural feita na Serra da Estrela no dia 5.1.2024 com a minha GFX50SII irei importar as minhas fotos para a pasta:

ArquivoFotografico > 2024 >  
20240105\_ GFX50SII\_EstrelaNascerDoSol

Mas, no próprio dia, se aproveitar para ir passear com os miúdos até à Torre e fazer umas fotografias de família com a X-T4 e também com a compacta X10, essas imagens serão importadas para duas pastas diferentes (até porque são de cartões diferentes):

ArquivoFotografico > 2024 >  
20240105\_XT5\_MiudosNaTorre

ArquivoFotografico > 2024 >  
20240105\_X10\_MiudosNaTorre

A decisão de usar duas pastas diferentes para câmeras diferentes prende-se muito com a resolução e a qualidade das imagens de cada uma e também com uma decisão tomada há uns anos, quando a estrutura de pastas ainda era importante para mim. Quando depois estou a visualizar as imagens no Lightroom® para impressão ou edição, não gosto de estar a ver imagens de câmeras diferentes misturadas. Mas podem ignorar esta característica se preferirem ver toda uma sessão, independente da câmara usada, numa mesma pasta. Até porque o Lightroom® permite saber com que equipamento foram feitas as imagens e filtrar câmeras que não queiramos ver.

A nomenclatura destas pastas é então constituída pela data no formato AAAAMMDD, um código identificativo do modelo da câmara (opcional) e, finalmente, uma descrição da sessão fotográfica. Isto tudo separado por “\_”. **Recomendo a não utilização de caracteres especiais e letras acentuadas.** Isto é muito importante. Podem usar espaços na descrição, mas nunca usem acentos ou caracteres especiais. Isto porque se moverem o catálogo e os ficheiros entre Mac e Windows vão ter problemas, pois um catálogo gravado em Windows fica com uma codificação diferente no Mac e depois o Lightroom® não consegue encontrar as pastas e as vossas imagens. Muita atenção neste ponto: não usar caracteres especiais e acentos no nome das pastas.

### **Nota para quem usa o Lightroom® em Windows**

No que diz respeito à gestão das pastas em Lightroom®, existe uma diferença relacionada com a forma como os discos são apresentados

no painel “Pastas” do módulo Biblioteca.



**Fig. 2:** Na secção “Pastas” os discos (volumes na nomenclatura do Lightroom®) são apresentados pelo seu nome no Mac, mas pela sua letra no Windows. Nesta imagem estão presentes dois discos, encontrando-se os mesmos ligados ao computador (daí o sinal verde antes do nome dos discos)

Esta diferença está intimamente ligada à forma como o próprio sistema operativo reconhece os discos. No Windows, os discos têm atribuídos uma letra (C:, D:, G:, ...). Cada vez que se liga um disco a um computador Windows o sistema operativo atribui-lhe uma letra. E essa letra nem sempre é igual. Basta ligar-se o disco a outra porta para a letra mudar, ou basta trocarmos de discos para ele atribuir a mesma letra a outro disco. No Mac isto não acontece. Os discos têm nome, não letras...

Para o Lightroom® isto pode ser um problema. Imaginemos o seguinte cenário. Temos dois discos externos, com a estrutura de pastas recomendada anteriormente, um com os anos 2000 a 2010 e o outro com 2011 a 2020. Ambos têm a pasta “ArquivoFotografico” como pai (ou mãe). Depois, dentro dessa página terão os anos e dentro dos anos as pastas de cada sessão. Ao primeiro disco demos o nome de “Disco01” e ao segundo “Disco02”.

Agora imaginemos que ligamos ambos os discos a um computador Windows. Ao fazermos isto, o sistema operativo atribui-lhes, por exemplo, as letras D: e E:. Se importarmos esta estrutura de arquivo para o Lightroom® os volumes (discos) importados serão o D: e o E:. Se, por acaso, numa próxima ligação o disco D: mudar de letra, o Lightroom® perderá a ligação a este disco, mostrará o ícone de ligação a cinzento em vez de verde, e “avisará” que a pasta “ArquivoFotografico” está ausente. E esta ausente porque o Lightroom® está à procura do disco D: e ele agora tem outra letra. Para corrigir isto, teremos de usar a opção “Localizar pasta ausente” e indicar onde está agora a pasta “ArquivoFotografico” (uma vantagem de termos o arquivo todo debaixo de uma só pasta). Mas como temos dois discos com essa pasta, como verificamos de forma rápida em qual dos dois discos será? Teremos de ver o que está debaixo dessa pasta pai (ou mãe) e depois saber qual dos discos terá essas pastas (os anos, 2000 a 2010 ou 2011 a 2020).

Para tornar esta tarefa mais simples, o que aconselho a quem tem Windows é que, em vez de “ArquivoFotografico”, use “ArquivoFotografico\_Disco01” e “ArquivoFotografico\_Disco02”. E por aí fora por cada disco diferente que fizer parte do arquivo.

Desta forma consegue perceber qual dos discos terá a pasta no momento de procurar onde está a pasta ausente. A “confusão” das letras continuará, mas ao menos será mais simples perceber onde está a pasta “ArquivoFotografico”.

Para quem usa Mac, isto não é preciso, pois o sistema operativo não usa letras. Usa sim o nome do disco. Desde que não atribuamos o

mesmo nome aos discos tudo funcionará de forma simples.

Espero ter sido claro.

Outra coisa que importa referir é que nunca deve haver pastas duplicadas, quer tenhamos todo o arquivo num só disco, ou repartido por vários discos. A pasta “20240112\_SerraEstrela”, por exemplo, só deve existir uma vez em todo o arquivo. Tal como as fotografias que não devem existir duplicadas no arquivo. O que pode e deve haver é uma cópia de segurança deste arquivo guardada em local seguro!

Na parte II deste artigo vou partilhar convosco como fazer a gestão dos ficheiros que acabamos de importar do cartão, no que diz respeito a movê-los entre pastas, alteração do nome dos arquivos, eliminação, etc...

E lembrem-se, até aqui a única coisa que fizemos foi transferir as fotografias do cartão de memória para o disco rígido do nosso computador ou um disco externo, ou seja, o suporte de armazenamento principal do nosso arquivo fotográfico.

Atenção, as fotografias ainda não estão seguras nem prontas para serem editadas e pós-processadas. Apenas foram passadas do cartão de memória para o arquivo fotográfico. Falta um passo adicional para poderem ser trabalhadas, que é a cópia das novas pastas para um suporte adicional de *backup* (cópia de segurança). Mas mais sobre este tema na segunda parte deste artigo.

Até lá, boas fotografias!

# Andy Rouse

## Concepts of Nature - A Wildlife Photographer's Art

Primeira Edição: Londres, 2008  
Argentum (25 x 28 cm, 160 páginas, capa dura)

Texto por **Rúben Neves**.

“Para mim, o mais engraçado na fotografia de vida selvagem é o momento em que estou sozinho com a natureza e a tento desafiar. Tudo o resto, no que me diz respeito, é aborrecido mas, ainda assim, necessário; o que conta é o momento específico em que estamos a fotografar e em harmonia com a natureza. (...) A fotografia não é uma ciência exata nem um conjunto de números; é a derradeira forma de arte da auto-expressão.” ~ Andy Rouse

Um livro, um guia, um curso. Será difícil encontrar outra coleção de fotografias acompanhadas por reflexões pessoais que possa culminar num livro tão completo para qualquer amante de natureza e de vida selvagem em particular. O critério diferenciador está, sem dúvida, no seu autor - Andy Rouse. Quem se dedica a acompanhar a vida selvagem ao longo das últimas décadas compreenderá a minha opinião ao defender que se trata de um fotógrafo de excelência.

De alguém que coleciona prémios cujo prestígio é inegável. De um incansável colaborador com organizações líderes em conservação. De um apresentador, um comunicador e um sonhador que faz viagens e workshops pelo mundo fora. Mas o que torna “*Concepts of Nature*” numa referência visual e num livro obrigatório para qualquer apreciador de arte, fotografia e vida selvagem é a capacidade - só ao alcance de alguns - de conseguir, página após página, enalte-

cer o lado mais simples da natureza com técnicas, composição, luz e narrativa ao serviço de uma mensagem bem explícita. A visão criativa que Andy Rouse consegue aplicar nos seus trabalhos coloca algumas das suas fotografias num patamar artístico único sem permitir que o leitor se engane. Ou seja, não deixa que a arte esconda o lado violento, mais cruel e dramático que por vezes é remetido para segundo plano neste tipo de abordagem fotográfica.

A defesa da importância da vida selvagem na preservação é feita através de uma panóplia de exemplos do percurso profissional do autor, servindo de inspiração à criação fotográfica a quem venha a seguir os seus passos. Tal como Rouse foi influenciado por Ansel Adams ou Joe Cornish, também o seu legado surte efeito em David Lloyd, Sue Flood ou Will Burrard-Lucas, cujos compromissos com a conservação e com a narrativa visual seguem os mesmos passos. Um mentor, ou alguém que, mesmo sem saber, influencia gerações futuras tem, necessariamente, um conjunto de características bem vincadas e que, aqui e ali, são o reflexo de anos de estudo e de observação das espécies e dos seus comportamentos. Mas não só de permanência no terreno ou de investigação se faz um educador. O objeto de estudo, o seu tratamento e a sua abordagem deverá manifestar-se num desempenho sobranceiro, tal como acontece em “*Concepts of Nature*”. A capacidade particular de conseguir criar uma ligação emotiva entre fotógrafo e fotografado faz com que o trabalho de Andy Rouse se destaque dos meros registos fotográficos ou dos simples momentos que imortalizam comportamentos animais. A par deste cunho, o autor não deixa de dizer, mesmo no final do seu livro, que a fotografia de vida selvagem é uma coisa engraçada e que deveria ser mantida dessa forma. A interpretação desta frase só é alcançada, na sua plenitude, depois de lermos todas as linhas deste livro e de nos posicionarmos, tanto quanto possível, nos locais que as histórias encerram através das suas fotografias. O lado comercial que tantas vezes implica uma ou outra cedência do ponto de vista editorial ou artístico é um dos temas mais fascinantes abordados por Rouse. Mais ainda, é o processo que nos conta como conseguiu, ao

longo da sua vida, manter um nível de satisfação, realização e concretização (profissional e pessoal) fotográfica que ainda hoje tenta manter.

A experiência que “*Concepts of Nature*” nos permite ter é de uma celebração estética ao mesmo tempo que nos revela o lado efetivamente “funcional” das fotografias de vida selvagem. A par de uma beleza e de uma complexidade que o mundo natural acarreta, conseguimos ter a sensação de que também a visualidade inerente a uma coleção desta índole funciona como ferramenta poderosa para educar e inspirar. A ligação emocional que Rouse tenta passar entre observador e observado não foge ao caráter vulnerável de uma situação de perigo. Ou ao comportamento de risco de uma determinada espécie. Mas talvez só assim tenhamos uma compreensão mais profunda da importância da preservação. A visualidade apresenta-se assim com um poder indiscutível que é o de transcender barreiras linguísticas e culturais, sempre e quando esse impacto emocional é decisivo para motivar ações concretas em prol da conservação.

O livro que é um guia e um curso faz concorrência às tentativas de estruturação de currículos sobre fotografia. Desde o domínio da luz, à composição, passando pela escala e pontos de vista, sem esquecer a narrativa, os locais e o equipamento, “*Concepts of Nature*” revela os desafios diários de um fotógrafo que se tenta expressar através do meio fotográfico. A constante “inconstância” que Rouse defende na sua abordagem fotográfica é, para ele, o que lhe permite ter vindo a evoluir ao longo do tempo. Em rigor, o livro é uma espécie de “três em um”. A *visão*, que explora o desenrolar da sua vida profissional desde as aventuras potencialmente suicidas

em África às suas mais recentes paixões na Antártida. E de como passou de ser (re)conhecido como o fotógrafo que se chegava muito perto dos animais até ao afamado contador de histórias. A *expressão*, onde disserta sobre várias técnicas utilizadas nos seus mais aclamados portfólios. E a *inspiração*, que revela o lado mais filosófico em que Rouse identifica quem mais o inspirou e a forma que ele usou para poder fazer o mesmo, inspirando futuros fotógrafos.

O livro está dividido de uma forma... inteligente! Digo isto sem saber a intenção. Mas a inteligência nem sempre é motivada por esse conceito. Por vezes, tal como na arte, quem percebe e/ou quem admira determinada criação pode gostar do que vê sem que a intenção tenha sido expressa. Ou mesmo tendo sido (qualquer) outra intenção. E digo inteligente porque cumpre o propósito de um livro que educa e inspira sem cansar. Que motiva a cada página e que surpreende a cada capítulo pelo inesperado mas adequado assunto escolhido. Sem uma cronologia ou temática(s) pré-definida(s), Andy Rouse consegue ir criando, à medida que vamos folheando o livro, uma expectativa sobre o que poderá vir a seguir. Qual a reflexão com que nos vai presentear e quais as suas experiências (e respostas) face aos desafios que vai revelando? Ficamos com a sensação plena de que vamos, prazenteiramente, completando módulos de um curso de fotografia de vida selvagem. Aqui, aprendemos como fotografar os animais, quais são as formas de o fazer sem os incomodar, como é que determinada luz do dia favorece mais uma espécie ou como é que incomoda outra. Quais as variáveis que nos poderão colocar a vida em risco ou até um ou outro conselho sobre como esperar pelo momento certo sem

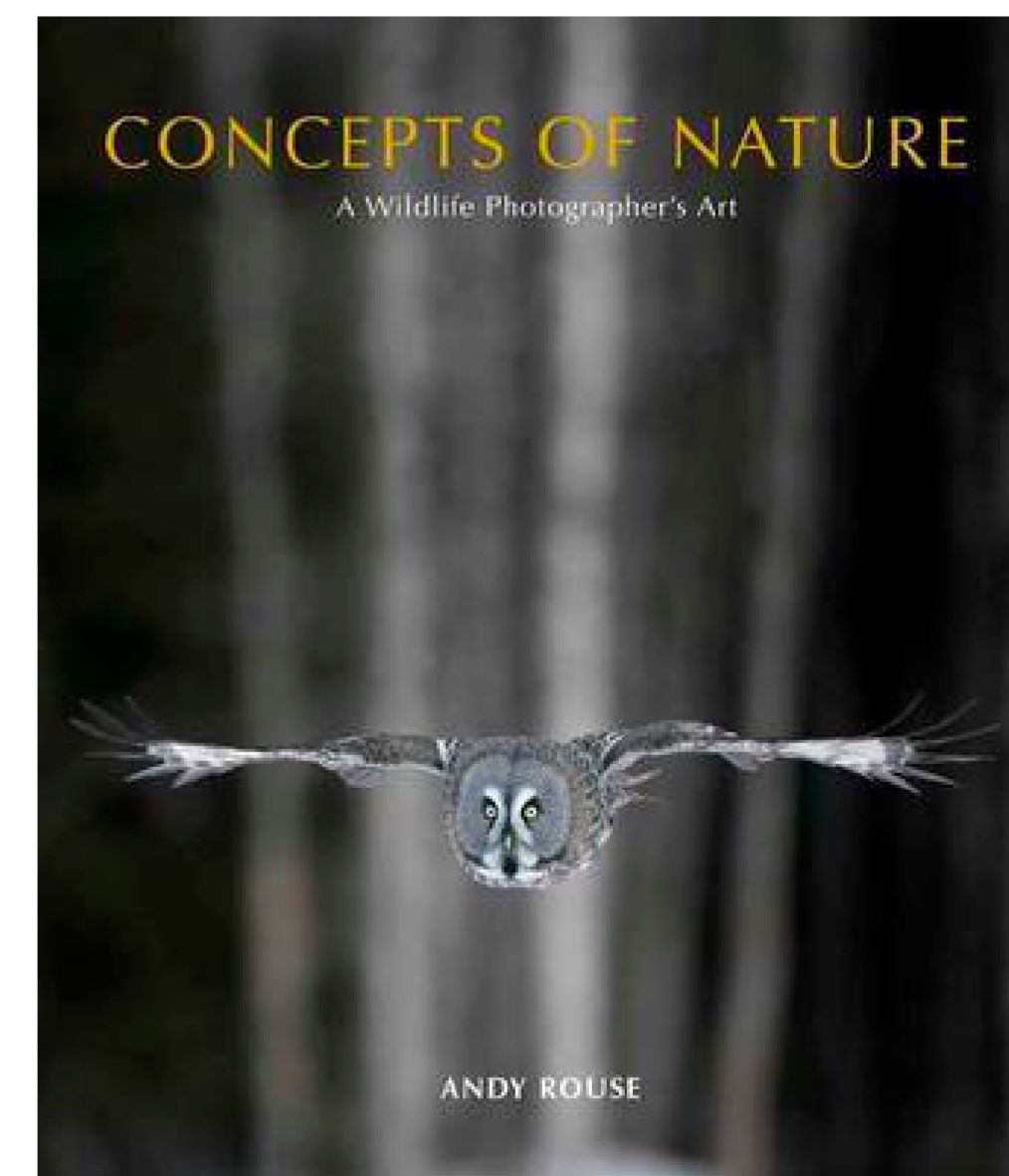
que o corpo ceda à (im) paciência.

O poder da fotografia, neste livro, manifesta-se de forma exemplar. Revela, explica, inspira e questiona. Mesmo que Andy Rouse não consiga fazer a diferença que deseja com a sua fotografia já o conseguiu fazer com este livro!

Há vários exemplares (em segunda mão) que podem ser adquiridos na [Amazon](#). Com o passar do tempo as condições de entrega vão mudando, pelo que poderá surgir a informação de que não é possível entregar em Portugal. Com paciência e algumas tentativas consegue-se, mas com valores também eles variáveis. Para uma leitura mais aprofundada sobre a vida e o trabalho de Andy Rouse e/ou para quem se faz acompanhar por podcasts, sugere-se a consulta da [página pessoal](#) do autor.

Abaixo:

Capa da edição publicada pela Argentum - Aurum Press Ltd  
Capa dura, 160 páginas, 25 x 28 cm





# Agenda.

## .WORKSHOPS

O programa para os primeiros meses de 2024 já se encontra no *site* da [Primeira Luz](#). Tanto o **Nuno Luís** como o **Luís Afonso** têm propostas para todos.

O **Miguel Serra** propõe uma viagem até ao topo de Portugal continental, para espreitar a neve que preenche o cimo da Serra da Estrela e o gelo inóspito que escorrega por entre as rochas graníticas milenares. De 19 a 21 de janeiro, em Manteigas, com a belíssima logística da SerraVale. Mais informação nesta [ligação](#).

O **Mário Cunha** propõe dois *workshops*, ambos no Parque Nacional da Peneda-Gerês. O primeiro, a ter lugar no fim-de-semana de 27 e 28 de janeiro já se encontra esgotado. Mas ainda vai a tempo de aproveitar o segundo a ter lugar na Vila do Gerês a 24 e 25 de fevereiro, altura perfeita para explorar os cenários de inverno na montanha e nos bosques da região. Inscrições para ambos os eventos no seu [site](#).

O **Tiago Mateus** apresenta uma oficina pensada para proporcionar a melhor experiência possível para quem, como ele, adora fotografar natureza a preto e branco ou simplesmente gostaria de experimentar. Esta *masterclass* está marcada para o dia 17 de fevereiro. Inscrições e mais informação nesta [ligação](#).

## .CONCURSOS

O Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa (MUHNAC) promove, pelo quinto ano, um concurso de fotografia que pretende difundir a Natureza e a Ciência em Portugal e nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). São seis as categorias a concurso. Candidaturas até 31 de janeiro de 2024. Mais informação [aqui](#).

## .FESTIVAIS

O In situ, Festival de Imagem de Natureza de Vouzela, está de regresso ao primeiro trimestre. Terá lugar entre os dias 2 e 4 de fevereiro e através da imagem de natureza, pretende passar uma mensagem de preservação dos ecossistemas, valorizando, em particular, o território que o acolhe, o Parque Natural Local Vouga Caramulo - Vouzela, a primeira área protegida com gestão local do país, criada em 2015.

## .EXPOSIÇÕES

Em **Lisboa**, na Biblioteca/Espaço Cultural Cinema Europa, Jorge Chincho Macedo apresenta “Namíbia - Do Oceano Atlântico ao Rio Chobe”. Para ver até 10 de fevereiro com visita guiada pelo autor no dia 23 de janeiro às 17h30.

No **Barreiro** continua patente a exposição de fotografia que celebra o centenário do nascimento de Augusto Cabrita, uma das figuras mais marcantes do Barreiro e da história da Fotografia, da Televisão e do Cinema em Portugal. A exposição “100 Anos de Augusto Cabrita: Um Olhar Inédito” estará patente ao público até 16 de março de 2024 no horário de funcionamento do Auditório Municipal Augusto Cabrita (terça a domingo, das 14h00 às 20h00).

# Os Autores.



**Ângelo Jesus**

Gosta de subir as serras, mas é nos vales, junto dos rios, e no meio das árvores que encontra maior inspiração. Prefere explorar perto de casa, considerando a fotografia a expressão de uma experiência na natureza, assim como um ato de ligação e revelação.

[angelojesusphoto.com](http://angelojesusphoto.com)



**Luís Afonso**

Gosta de fotografar perto de casa, em locais com os quais pode desenvolver uma relação de longa data, pois acredita que a fotografia de natureza pode e deve representar algo mais do que apenas “isto foi o que eu vi”.

[luisafonso.com](http://luisafonso.com)



**Mário Cunha**

Vê a natureza como um livro aberto e em constante mutação onde a luminosidade, contraste, geometria, cor e texturas mudam a todo o instante. O maior prazer está em encontrar potencial na paisagem para criar imagens que sejam um reflexo da sua essência.

[mariocunhaphotography.com](http://mariocunhaphotography.com)



**Miguel Serra**

A natureza é a sua maior inspiração, a Estrela a grande paixão. Dono de um olhar inicialmente mais desperto para a paisagem aberta, que ao longo dos anos foi moldado para uma vertente mais intimista dos lugares que conhece e quer respeitar.

[miguelterra.net](http://miguelterra.net)



**Nuno Luís**

Apassionado por arte, é através da fotografia que exterioriza aquilo que considera ser um retrato do seu “eu”. Na natureza, encontra o mote que dá alma e expressão a essa paixão sob a forma de narrativas visuais.

[nunoluis.net](http://nunoluis.net)



**Ricardo Salvo**

Fotografa ao sabor do que as emoções lhe ditam a cada momento, o que dificulta a escolha de um estilo. A Natureza mais crua consubstancia grande parte da matéria fotografável que encontra. Adora debater e pensar Fotografia enquanto arte, função e ciência.

[ricardosalvo.com](http://ricardosalvo.com)



**Rúben Neves**

Tem pela fotografia uma atração contemplativa, de emancipação e de liberdade, refletindo avidamente sobre a sua essência. É uma atividade que encara como uma fonte de retorno inigualável que consegue, maioritariamente, através da comunhão com o mundo natural.

[instagram.com/rubeneves](https://www.instagram.com/rubeneves)



**Tiago Mateus**

Em busca pelo belo e estranho, pelo invulgar e delicado, Tiago perde-se nas caminhadas pelas paisagens que o fascinam. Contudo, a sua arte não consegue escapar à sua própria natureza, retratando muitas vezes a singularidade das emoções e sensações humanas.

[tiagomateusphotography.com](http://tiagomateusphotography.com)

# **PERSPETIVA**

Fotografia. Arte. Natureza.